

O HOMEM LIVRE

São Paulo, 8 de Julho de 1933

Redator-Chefe: Geraldo Ferraz
Diretor-Gerente: José Pérez

ASSINATURAS:

ANO 20000
SEMESTRE 10000
NUMERO AVULSO \$200
R. S. Bento 58-2.º and. Tel. 2-3780

Ano I Num. 7

"A marcha implacável"

Ha cerca de tres meses, o chefe do fascismo indigena, sr. Plinio Salgado, anunciava em termos grandiloquentes, em entrevista publicada num vespertino local: "Hoje somos 3.000 "camisas-oliva" já inscritos. Dentro de um mês desfilarémos pela cidade. E ainda este ano faremos a grande parada nacional em todas as capitais do Brasil". E em seguida: "Eu afirmo que os "camisa-oliva" farão a sua marcha um dia e esse dia não está longe. A marcha será implacável e entusiasta."

Houve, entre os que não aceitam o ideal do oleo de ricino, quem manifestasse inquietação diante de tão grave ameaça... Aos conhecedores da genese do fascismo na Italia e na Alemanha, causava surpresa o "crescimento" tão rapido das tropas de assalto dos "azeitonas". 3.000 "manganells" pela frente, assim de maneira tão inesperada, era, realmente, para impressionar... Todavia, devemos dizer que não foram muitos os que se "assustaram" com a propalada "expansão" do fascismo paulista. Era gente do país hoje oprimido pela mais brutal e odiosa tirania de todos os tempos. Eles não conheciam como nós a figura do "Duce" caboclo, e não sabiam da sua tarefa anterior executada com as mesmas metáforas ócas, de apologeta e incensador oficial da "clique" perrequista.

Mas os nossos argumentos nunca foram aceitos pelos antifascistas italianos, como agora não o são pelos alemães. Toda a gente, na Italia e na Alemanha, era concorde em qualificar de ridiculo, cretino ou palavroso a Hitler e Mussolini, o que não impedia que as organizações das classes trabalhadoras alemãs e italianas fossem sistematicamente destruidas com a victoria da reacção. E' que atrás do Duce como do "Fuhrer" estavam os representantes da mais sordida plutocracia, banqueiros ou industriais, "judeus" ou não. Era o que eles nos diziam, a nós brasileiros, e não sem razão, pelo menos "em principio".

Entretanto devemos constatar, neste segundo mês de luta contra os que fazem em nosso país a propaganda das instituições mediocres, que os "azeitonas" não fizeram nenhum progresso, pelo menos na cidade de S. Paulo. Onde estão os 3 mil milicianos anunciados com tanta ênfase pelo nosso "Duce"? E a sua marcha tão esperada e ainda não realizada sobre o Anhangabaú?

Segundo tudo faz crer, os 3 mil "azeitonas" não passaram de um "bluff". Ultimamente, o ex-deputado pelo P. R. P., que se mostra impaciente, em pressa de "chegar ao poder", tem agido fóra de

S. Paulo. No Rio, onde encontrou um comparsa, na pessoa do presidente da Academia de Letras, êle tem realizado diversas conferencias.

Em Minas Gerais e em alguns Estados do Norte, a se acreditar nos telegramas, vão se formando "nucleos integralistas". Mas esses nucleos, segundo tudo faz crer, não diferem muito das agremiações de "filhos-de-Maria" e "papaostasias" já existentes.

Vemos assim que os nossos "arianos" não vão navegando com ventos tão favoráveis como sonhava ha tres meses o heroi de São Bento do Sapucaí. Os seus "3 mil" fanulos, conforme os resultados das eleições, não lhe deram sequer o voto. A não ser que eles tenham sido recrutados entre os "squadrists" que Mussolini mantém em São Paulo e as antigas habilidades perrepistas na falsificação de atestados de nascimento e titulos eleitorais não tenham sido aproveitadas. Se Plinio continuar nesse caminho será certamente afastado. Chegará a vez, então, do sr. Joaquim Candido de Azevedo, cuja vocação será experimentada...

Entretanto o mesmo Plinio diz na mencionada entrevista (depois de procurar provar que tudo no "seu" fascismo é brasileiro...): "Havemos de vencer porque estamos de acôrdo com o ritmo do mundo e nenhum país pode fugir aos impositivos do século e à marcha universal."

Como a marcha é universal o "Duce" caboclo quer também fazer a sua passeata. E para isso vem exercendo a sua demagogia barata sobre certas camadas das nossas classes medias atacadas pela coceira fascista e sobre individuos de classificação difficil de ser feita. E a unica "fôrça" do integralismo, por enquanto, será essa que lhe vem de fóra.

Em todo o caso não importa que seja Plinio, Candido ou Gustavo o nosso "Duce". Eles, no futuro, segundo as necessidades dos que lhes encomendam a tarefa, poderão formar uma "frente-negra" para assaltar e deprestar os sindicatos das nossas classes trabalhadoras, os clubes que refletem a atividade da vida moderna, as instituições socialistas, democraticas e liberaes.

E é por isso que também sabemos qual é o "ritmo do mundo" que não quisemos, em defesa da imensa maioria das populações, deixar sem combate a acção dos fascistas brasileiros, acção apoiada no "Fanfulla" e no "Corriere degli Italiani", pasquins fascistas, por mais ridiculo e inhabeis que fossem, por enquanto, os seus dirigentes.



O examinador nazi ao candidato X —
"Traga mais uma pilha como essa e será aprovado com distincção..."

O "Fanfulla", os integralistas e a Ação Social

O quotidiano mussolinêsco "Fanfulla", vem abrigando, especialmente, de alguns dias para cá, nas suas colunas, com evidente prazer e íntimo regosijo todos os comunicados oriundos de todas as arapucas estilo fascista que acabam de brotar do confusionalismo politico da pequena burguesia.

A nós, que não rezamos pela cartilha ultra-fascista do "chauvinismo", a generosidade do "Fanfulla" para com os devaneios histéricos da Ação Integralista ou da Ação Social, não espanta nem é sequer motivo de admiração.

Sabemos, de longa data, que os reacionários, a qualquer nacionalidade pertencem, se auxiliam mutuamente.

A exaltação nacionalista e racista é uma especie de delirio, de que se libertam quando os oprimidos mostram-se cansados de suportá-los resignadamente. Ai, italianos ou alemães, chineses, turcos, norte-americanos ou brasileiros, os reacionarios esquecem-se de todas as diferenças para se unirem estreitamente contra o inimigo comum.

E' por isso que não estranhamos que os reacionarios do "Fanfulla" abriguem com tanto carinho os "comunicados" das Ações que, presentemente, estão brigando para decidir quem é mesmo fascista: si o já velhusco parto do ensaiante-papão Plinio Salgado ou o recém-nascido que leva nos cueiros a marca do cruzeiro do sul.

Contudo, é bom de lembrar aos fascistas italianos de São Paulo que o argumento de que usam quando declaram que o fascismo é coisa que interessa só a italianos, si não é valido nem mesmo para nós, pelo menos os obriga, por razões de coerencia, a não se imiscuir nos negocios do Brasil.

De outro lado, não podemos deixar de extranhar a atitude dos "nacionalistas" que se servem de jornais estrangeiros para fazer propaganda de suas rançosissimas ideias.

E é bom de lembrar aos antifascistas que no dia de estalar pipócas é preciso retribuir a cada um conforme o seu merecimento.

E, ao "Fanfulla", na razão das colunas "gentilmente" cedidas,

Pensamentos sôbre o anti-semitismo

A canalha será sempre canalha, e a ideologia dessa canalha é o antisemitismo. Este, é uma epidemia semelhante ao cólera.

TEODORO MOMMSEN

Póde-se ter olhos azuis e cabelos louros e ser um burro e póde-se ser um Beethoven ou um Schopenhauer tendo os sinais das raças inferiores.

WILHELM STAPEL

Provocação por humildade

Resposta ao "Deutscher Morgen"

Já tardava que os impávidos barões do nazismo, para aqui anti-patrioticamente emigrados à cata de fortuna, deixassem suas sandices taradas contra o punhado de jovens brasileiros natos, mestiços ou não, que levantaram com gallardia a bandeira dos direitos imprescritiveis do homem na defesa da liberdade e da dignidade humanas, ameaçadas e ultrajadas pela imunda vaga do fascismo, ariano ou crioulo, venha da Itália, da Alemanha ou donde quer que venha.

Um Von C... qualquer, pelas colunas do órgão nazista de S. Paulo, Deutscher Morgen, enche toda uma página de barata literaria hilleriana para insinuar que O Homem Livre é obra de judeus e naturalmente do "bolchevismo".

No rudimentarismo mental que caracteriza êsses purosangue anti-diluvianos, o Von C... amelo imagina que, entre os brasileiros, existe também aquilo que o grande historiador alemão Mommsen taxava com razão de ideologia da canalha, de epidemia igual ao cólera, — o anti-semitismo. Não andamos cheirando caninamente os vãos dos corpos dos outros, como parece ser de praxe entre os sociólogos racistas, para saber si o suor e os olôres destes ou daqueles são de judeu ou de um nobre da Prússia. Julgamos os homens pelos fatos. Assim, quando lemos, sob a assinatura de alguém que, na Alemanha de hoje não se tocou num fio de cabelo de nenhum judeu, e que lá o israelita é tratado com o máximo de tolerância e de justiça, concluímos positivamente que o autor desta cinica declaração apesar de sua particula nobre, não é sinão um pobre diabo.

Nosso caluniador, ao fazer a afirmação acima, só pode referir-se aos grandes magnatas da finança e da industria, como o judeu Barão de Stein

em cujo castelo Van Papen mancomunou-se com Hitler para implantar na Alemanha o regime bestial do fascismo. Embora o Von C... retino afirme que "o comerciante judeu não é estorvado nos seus negócios, desde que se mantenha dentro de principios economicos limpos e decentes", são justamente os mais corruptos e corruptores, os maiores exploradores, da marca dos Stein e dos Rothschilds, que não sómente não são incomodados, como ainda se servem dos Hillers e outros, como moços de recados...

O infeliz nobre jornalista pensa que são bolchevistas as fontes a que recorre O Homem Livre para denunciar ao povo as infâmias do novo regime instituido na Alemanha. E' não fazer a menor cerimônia em revelar a ignorância mais crassa. O pobre homem só lê naturalmente, o Volkischer Beobachter ou as circulares lamentaveis do seu partido, e desconhece completamente a côr politica e origem social dos Manchester Guardian, dos Economist, dos New York Times, dos The Nation, dos Neue Zurich Zeitung, dos Le Temps, Le Journal, etc. etc. Não é preciso lançar-se mão dos Rôte Fahne comunistas ou de L'Humanité para denunciar os crimes nazistas. Aliás, nem se precisava recorrer a imprensa mundial para achar motivos de combate ao fascismo. Basta saber que um Heinrich Mann ou uma Kaethe Kollwitz são expulsos da Academia de Belas Artes de Berlim, que um Eduard Spranger sente-se na obrigação de demitir-se de sua cadeira universitária, que Georg Grosz emigra de sua terra, que um Einstein se vê impedido de voltar à Alemanha, que um Max Reinhardt é posto fóra do teatro alemão, que um Bruno Walter não

(Continúa na 2.ª pag.)

Foi iniciado por elementos da colonia alemã o boicote do «O Homem Livre»

"O Homem Livre" foi obrigado a mudar de tipografia. Elementos fascistas da colonia alemã, tiveram bastante força e desplane para fazer com que o proprietario da tipografia que imprime o nosso jornal de combate, se visse na contingencia de não poder continuar a nos prestar os seus serviços. Esses agentes do fascismo alemão, dentro da vida nacional, têm pois capacidade de boicotar o que for contra os interesses universais do fascismo. São a teia do obscurantismo, que imobiliza até o trabalho privado, o exercicio da profissião de quem não lhe é favoravel.

O PAPA E O FASCISMO

FRANCISCO FROLA

(Especial para "O Homem Livre")

Encontrei-me com um católico de boa fé, ingenuo como uma criança, que, tendo lido que o Papa Pio XI, concedera, por meio de seus prelados, a sua divina simpatia ao fascismo alemão, escandalizou-se e manifestou profunda consternação, não conseguindo compreender por que forma o Vaticano de Cristo pudesse tornar-se cúmplice de Hitler. Se a moral sustentasse os destinos da Igreja, o ingenuo católico teria razão de se edificar.

Lembrem-se, porém! Depois que Mussolini saiu-se ileso de um dos diversos atentados, o Papa Ratti mandou entoar o "Te Deum" em todas as igrejas da Itália, afim de agradecer a Providência que salvara o "homem enviado por Deus" para a felicidade do povo italiano.

Não há motivo para se escandalizar, ó ingenuo católico. A política da Igreja de hoje corresponde, logicamente, à política da Igreja de todos os tempos.

Ha mais de mil anos, o pontífice Zaccarias estabeleceu o princípio básico pelo qual a Igreja se comporta perante os usurpadores: "Precisa considerar rei quem está com o poder".

Mussolini e Hitler estão com o poder.

Porisso, viva Mussolini e Hitler!

Pio XI é conseqüente. O nome de Pio, aplicado à sua pessoa, constituiu um escárnio.

O embaixador do governo fascista no Vaticano é o afamado Cesare Maria de Vecchi, instigador do massacre de Turim. Pio XI recebeu-o com a bênção paterna e o encheu de honrarias.

E Italo Balbo, o assassino de Don Minzoni — o suave sacerdote massacrado a golpes de porrete porque queria manter-se fiel a Cristo?

O Papa não pronunciou uma única palavra de protesto contra a morte trágica do seu ministro.

E no entanto, ó ingenuo católico, não há motivos para se edificar.

Pio XI caminha na estrada sangrenta de seus antecessores. Não existe nem um único opressor de povos, na história de todos os tempos, que não tenha recebido a consagração do Papado.

O que acontece é conseqüência da afinidade existente entre o fascismo e a Igreja Católica.

O fascismo é um dogma. O fascismo não se discute. Quem está contra o fascismo não tem o direito de viver. E' perseguido, martirizado, suprimido. O mesmo se dava quando a Igreja era onipotente. Os que discutiam os seus dogmas absurdos, os que procuravam aclarar as trevas da ignorância, porque a dúvida se levantava na sua consciência, eram presos, torturados e queimados vivos.

A fogueira de Giordano Bruno, está, na noite dos seculos, para atestá-lo.

Existe, porém, outra razão, mais forte, que liga o Fascismo à Igreja e esta àquela. Ambos representam a ressurreição de concepções superadas pela consciência civil contemporânea e pela ansia constante de liberdade dos povos: liberdade política, liberdade de consciência e liberdade econômica.

A Revolução Francesa suprimiu as castas e proclamou a igualdade dos cidadãos perante o estado burguês.

A Igreja tem a tendencia de manter as castas e o fascismo, as cria.

A estrutura interna do fascismo é idêntica à da Igreja: a investitura vem do alto.

O interesse é, sobretudo, o que liga a cruz ao signo "littorio".

Igreja e fascismo são instrumentos da reação. Aquela, com o decorrer do tempo teve que renunciar à violência material, aos supplicios, aos assassinios, aos massacres, e, hoje, exercita a sua função limitando-se ao aprisionamento das consciências com as correntes da ignorância e da superstição. O fascismo, que recolheu a

herança de Torquemada reproduz a noite de São Bartolomeu. E multiplica-a. Aquela, o faz por conta do capitalismo, insaciável, carcereiro das consciências e este é o seu carrasco.

A Igreja e o fascismo, com seu instinto de feras, pressentem a agitação — agora ainda subterrânea, de correntes impetuosas que — amanhã — poderão aflorar e com curso vertiginoso e irresistível, poderão abater o seu perverso domínio.

A Igreja e o fascismo percebem com horror, que o povo procura libertar-se da escravidão econômica e abolir o desfrutamento do homem pelo homem.

Então, impulsionados pelo medo do amanhã, — que fatalmente será de emancipação, — estendem

os braços e procuram afastar, unidos, o mais possível a hora da derrota.

O seu pacto é de agressão sem limites. E sem exclusão de golpes. E, na carnificina sangrenta, levanta-se, sobre as hordas assassinas e devastadoras dos fascistas, a mão crispada do padre.

Até quando? Até que o proletariado, despertando do sono que dorme e levantando os braços poderosos, os deixar cair sobre seus inimigos implacáveis como um enorme malho.

Até esse dia, todos os Papas desta terra continuarão a abençoar os Mussolinis e os Hitlers.

Compreendeu, ó ingenuo católico?

Politica Agraria do Terceiro Reich

O capitalismo alemão desenvolveu-se amparado por detrás do muro protecionista. Os efeitos por este trazidos para a industria e a agricultura foram opostos. Enquanto a sombra dessa proteção a industria alcançava um extraordinário grau de racionalização técnica, para poder enfrentar a concorrência no mercado mundial, a agricultura dominada ainda pelos barões latifundiários da Alemanha oriental, estagnava em seu desenvolvimento, limitando-se a explorar o mercado interno e a exigir parasitariamente a expulsão artificial dos produtos agrícolas estrangeiros. Na industria o protecionismo acelerou a acumulação capitalista a uma formidável altura, emparelhando-a ao nível da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na agricultura, deu-se o processo contrario: uma diferenciação crescente entre o nível dos sistemas agrícolas mais progressistas dominantes no mercado mundial e o estado rotineiro daquela. Essa desproporção tinha que ser paga pelo consumidor alemão.

A existência das camadas mais retrógradas da economia alemã — os junkers da margem oriental do Elba — tornou-se assim um luxo caro demais aos operários e pequeno-burgueses. O muro protecionista tornou-se insuficiente: foi preciso recorrer aos premios de venda, etc. O mercado alemão com essa politica agrária e a queda da exportação devido à crise mundial ficou tão arruinado que levou os trabalhadores e pequenos burgueses empobrecidos a um tal estado de sub-consumo que no país outrora importador de trigo passou a haver excesso desse produto. A realização em valor, exteriormente, não é possível porque o preço interno é o duplo do preço corrente no mercado mundial. Para que esse "excesso" de oferta não acarretasse dentro do país a queda no preço, os junkers obrigaram o Estado a reter o resto, armazenando-o como se faz aqui com o café, cobrindo essas despesas com mais impostos. Mas ainda assim isso não bastou para manter o mesmo standard de vida dos nobres proprietários territoriais da Prussia oriental. E as subvenções encapadas, vieram acrescentar-se ás abertas — os auxilios diretos e a moratória. Foi essa a grande "revolução" na agricultura feita pelo novo governo nacional: a obra do junker Huegenberg.

A manutenção artificial dessa casta contraria os interesses de todo o resto da nação — até mesmo os da alta finança e da grande industria. Se os preços agrícolas do mercado mundial valessem também dentro da Alemanha, os magnatas da industria poderiam pagar salários bem inferiores. Uma parte da burguesia industrial che-

gou mesmo a lutar contra essa politica de subvenções. Mas a burguesia alemã não pode lutar seriamente contra a sobrevivência feudal da economia teutônica. A racionalização capitalista da agricultura acarretaria a destruição do junker e a proletarianização geral de quasi todo o campesinato. A sociedade burguesa perderia com isso o seu apoio mais reacionário e seguro.

Como o camponês médio não produz trigo, mas sua economia baseia-se nos produtos derivados da criação, as medidas tomadas em proveito da "Alemanha oriental" pouco lhe adiantam, e em parte até o prejudicam. Ele que precisa de comprar os meios de subsistência vê-se forçado a pagar por eles preços muito altos. Além disso no próprio mercado interno, os produtos similares estrangeiros (holandêses, dinamarqueses) fazem concorrência aos seus, sem contar com a competição que a margarina e o oleo de côco representam. A sua miséria torna-se ainda maior. Papen e Schleicher procuraram opôr um dique aos produtos agrários da Dinamarca e Holanda.

Os consumidores citadinos desses produtos passaram então a usar margarina. O governo "amigo dos camponeses" de Hitler-Huegenberg decidiu dar remédio a isso. "A base cultural do terceiro Reich é a aldeia", é um dos princípios fundamentais do nacional-socialismo. O governo social então resolveu forçar, para o bem-estar dos consumidores, o uso da boa manteiga. E lançou um imposto de 50 pfennig sobre cada kg. de margarina. A margarina barata foi assim abolida. Os pobres habitantes da cidade passaram então para a banha. As tarifas alfandegárias sobre a banha só este ano já foram elevadas duas vezes num valor de 33.1/3. Assim, o preço da manteiga pode aumentar tranquilamente. E tem aumentado mesmo. 45 marcos mais do que em fevereiro custa o quintal de manteiga, atualmente! Os grandes proprietários do ministério nacional (Huegenberg, o ministro da alimentação v. Rohr e outros patriotas) estão se banhando em rosas. Com a procura forçada e intensificada, por esse modo, e com novas tarifas sobre os produtos alimentícios estrangeiros, o preço destes subirá de novo fatalmente e um tonificante super-lucro escorrerá no bolso dos felizes junkers.

O pequeno burguês urbano naturalmente não esperava isso do Terceiro Reich: pagar pela libra de manteiga 45 a 50% mais do que nos tempos idos de Schleicher! A margarina custar tanto sob Hitler quanto custava a manteiga sob Schleicher! Quem diria! Quem havia de dizer que o pequeno burguês não poderia mais comer manteiga em pleno triunfo do paraíso nazista!

As organizações nazistas das cidades deitam porém manifestos acusando Huegenberg de ser o único culpado pelo sucesso desta política. Em Munich, elas foram até a prender negociantes a varejo de manteiga e no Palatinado estes acharam mais simples sus-

Incendios de Estado

"Dizem que o Inquerito sobre o incendio do Reichstag está quasi terminado", — relata "Monde".

"Esta palhaçada sinistra não engana mais ninguém, nem na Alemanha nem nos outros países.

E, como que por acaso, anunciava-se confidencialmente, num grande jornal berlinês que o sr. Gempp, que era o chefe do corpo de bombeiros quando se verificou o incendio — acaba de ser "acusado de abuso de confiança".

E' a accusação classica dos nazis, quando querem se desembaraçar de alguém.

O sr. Gempp teria chegado muito cedo no Reichstag durante o incendio. E ter-se-ia dado conta, tambem muito cedo, do "negocio Van der Lubbe".

Como se sabe, os bombeiros não se devem imiscuir nos negocios de Estado.

Nem nos incendios de Estado".

Negócios Limpos

O anúncio aqui reproduzido foi extraído de um jornal italiano, que o publicou em alemão e italiano:

"Em todas as casas de alemães deve encontrar-se um busto do Duce alemão, Adolfo Hitler. — Obra de arte muito realista do escultor berlinês Schmidt-Hofer (apoiado pelo movimento e por seu chefe).

Grês bronzado, altura: 25 cms. Peso: 3 kgs. 200. Imitação perfeita do bronze pela execução e solidês. Preço popular: 50 liras, sem mais despesas em todos os correios do Reino (Segue-se o endereço do fabricante).

Procuram-se aderentes do partido hitlerista para fazer a distribuição aos grupos locais e aos admiradores de Hitler. Amostras acondicionadas em lindos estojos, para apresentação: 85 liras, sem mais despesas".

Adolfo e Benito sobre a chaminé, eis um belo par.

pende esse negócio.

Esta politica agrária tem dois lados para o grande capital monopolista: por um lado, significa uma desvalorização do salário real do trabalhador, mas por outro espera o capital bancário que a subida dos preços dos produtos agrícolas provocará o degelo dos créditos congelados da agricultura.

Esta politica com o tempo pouco ajudará ao camponês, como só o prejudica a reintrodução do direito feudal de herança, pois isto lhe vai tirar toda possibilidade de crédito desde que fica excluída a execução forçada da casa e da fazenda. Já os açougueiros comecem a se queixar de uma menor procura de carne, diminuição que influirá por sua vez na procura de gado para abater. A diferenciação entre o preço mundial de manteiga e o interno já é de novo tão acentuada, que os produtores holandêses e dinamarqueses comecem a sujeitar-se a pagar as tarifas formidáveis que lhes impedem a entrada na Alemanha. Com a elevação dos preços, a produção da manteiga crescerá inevitavelmente. Tcdos esses fatores, acrescidos com a miserável capacidade de compra dos operários e pequenos burgueses das cidades forçarão outra vez a queda do preço da manteiga e produtos similares. Recomeçará então o ciclo das subvenções e novas desilusões e desencantamentos na massa da pequena burguesia antes tão entusiasmada com o novo regime hitleriano e do proletariado. E assim por diante até... o fim.

Como queriam alguns funcionários do partido nacional-socialista, que escolheram o junker Huegenberg para bode expiatório, este foi despedido. No entanto, a famosa politica agrária do terceiro Reich ainda não mudou: tudo continua como dantes, e o pequeno burguês continua sem poder comer manteiga. Que resta a fazer? Armar a aguija prussiana de uma espada e um raio, matar mais marxistas e judeus, e criar novos campos de concentração...

Berlim, JUNHO.

H.

PELES KLIASS

Ultimas novidades em

MANTEAUX — JAQUETAS —

COPOS — ECHARPES

Itapetininga, 44 - Tel. 4-4517

Provocação por Humildade

Resposta ao "Deutscher Morgen"

(Continuação)

pode mais reger a Filarmônica de Berlim, que se fazem autos-da-fé nas praças públicas, basta a concisão telegráfica relatando estes fatos para nos dar uma base mais positiva do que quaisquer comentários desta ou daquela imprensa, sobre o que se passa no Terceiro Reich.

Termina o nosso valente adversário pondo nas mãos da colônia judaica o poder de nos fazer baixar de tom de modo a "corresponder" "às tradicionais relações entre a Alemanha e o Brasil". Engana-se lastimavelmente o nosso anti-semita. Nós não estamos a serviço de nenhuma bolsa. Não somos caixeiros nenhuma colônia, como não estamos a soldo de nenhum ditador. Não montamos uma arapuca para explorar os ingênuos e fazer cavalações. Nem somos estipendiados para provocar qualquer coisa no estilo dos incidentes diplomáticos tão a gosto dos fascistas italianos que, pelos modos, serão imitados, ainda nisso, pelos parceiros nazistas. De modo que o Von C...errou o bote ao apelar para os judeus para que nos façam abrandar a veemência.

E' digna de nota a diferença de tática e de atitude entre os nazistas daqui e o seu modelo original. Enquanto Goering expede os seus bandos para fazer calar de uma vez os seus inimigos, os seus êmulos coloniais fazem apelos aos... judeus! que horror! para abaixar o tom do ataque dos seus adversários políticos. Explica-se essa diferença de táticas pelas relações de forças que não são aqui as mesmas da Alemanha. Por enquanto, no Brasil ainda não é possível arremessar furiosos bandos armados contra alguns pobres homens sem armas. Daí a humildade dos nazistas locais.

E' inutil querer identificar o governo nazista com o povo alemão, como é hábito dos fascistas italianos substituir a grande nação latina pela pessoa grotesca de Mussolini. A serviço da liberdade, a serviço da causa de todos os povos oprimidos, O Homem Livre continuará a sua luta implacável contra a reação e o obscurantismo fascistas, e não mudará de tom. Somos a voz vingadora dos explorados de todos os meridianos.

Uma camponesa dá á luz dois gêmeos. Um é batizado com o nome de Adolfo, como Hitler, o outro, Paulo, como Hindenburg.

O pastor vem dar-lhe os parabens e pergunta sorrindo:

— Mas como podeis distinguil-os?

— E' muito simples — responde a mãe, radiante — Adolfo grita durante todo o dia, e Paulo dorme.

C. I. SOUZA NOSCHESSE S/A.

FABRICANTES DE APARELHOS SANITARIOS E DOMESTICOS

SÃO PAULO

RUA JULIO RIBEIRO, 33

TELEFONES: 3-0378 e 9-2167

Loja: S. Paulo - R. Libero Badaró, 15 - TEL. 2-2966 - E. T. Fundação

Casa Kliass

Tel. 4-0687

Praça Ramos de Azevedo, 18

As origens políticas de Hitler e do seu Partido

A. Habaru

Muito pouco se sabe, ou quasi nada, sobre a iniciação de Adolf Hitler na politica e sobre a origem do Partido Nacional-Socialista. No entanto, acaba de sair um livro, o qual, em certa medida, preenche essa falha: *M. Hiller, Dictateur* (Ed. de l'Eglantine, 10 fres.), e que se apresenta em forma de biografia romancada: Para o leitor cuja preferencia é para o estudo historico, é de se esperar que apareça quanto antes em francês uma tradução da *História do Nacional-Socialismo* de Konrad Heiden. Porque é preciso que o periodo de formação do partido nacional-socialista seja estudado com a maior atenção nos países que ainda não passaram pela experiencia fascista.

O guarda de alfandega Schicklgruber, de Bronau, Austria, usava, com todo o orgulho possível, grandes bigodes á Francisco José, e o bem assentado uniforme dos funcionarios imperiais e reais. Mas, para ele, o nome de familia apresentava alguns inconvenientes: e, obtida a autorização, mudou de nome. Por isso seu filho, nascido em 20 de Abril de 1889, chamou-se Adolf Hitler.

Adolfo passou os primeiros anos da infancia em Passau, cidade da Bavaria, frequentando mais tarde as escolas em Linz. Ai manifestam-se algumas influencias que é preciso salientar, porque contribuíram bastante para a formação de certos aspectos da ideologia hitleriana.

O adolescente Hitler, filho de um leal funcionario da monarchia danubiana, crescido no respeito dos Habsburgos, tem um professor de história que é pangermanista inflamado. O aluno apaixonou-se das lições do mestre. E desde então, a historia universal já não passa, para ele, de uma epopeia heroica do germanismo. Esse austriaco das fronteiras da Bavaria dirige toda a sua admiração para a Prússia e seu grande rei Frederico II. Hitler detesta a monarchia austro-hungarésa, torna-se partidário convencido da maior Alemanha e adépto do movimento "nacional-alemão", lançado na Austria por Wolff e Schönenerer nos ultimos anos do seculo, de caracter antissemita, anticlerical e inimigo dos Habsburgos.

Ei-lo, portanto, o nosso jovem estudante, pan-germanista convencido: não demora em se tornar tambem anti-semita e anti-marxista. Os anos que mais tarde, vai passar em Viena, terão que completar essa evolução.

Orfão, aos dezesseis anos, Hitler, que abandonara a escola para ser "artista pintor", foi obrigado a ganhar a vida, estabelecendo-se em Viena, cujo burgomestre, naquela época, era o Dr. Karl Lueger, lider cristão-social e campeão do anti-semitismo. Karl Lueger, que exercia grande influencia, exprimia, com o seu anti-semitismo, uma especie de ideologia das classes medias: a formação do jovem Hitler, já orientada para o pangermanismo, completa-se pelo anti-semitismo, que ha de levar, um dia, a consequências bem mais graves que as do próprio mestre. Contemporaneamente, vai se formando, em seu cérebro, a ideologia das classes medias.

Mais tarde, passará por experiencias que farão dele um anti-marxista decidido.

Para viver, Hitler deve ir de obra em obra, carregando tijolos e argamassa, e fazendo a dura vida do servente pedreiro. Não é essa a vida que o filho do funcionario de Bronau tinha sonhado nas car-

teiras da escola. Proletario contra vontade, sofre em se ver assim desclassificado. "Meus trajes eram ainda apresentáveis, minha linguagem era correta, minhas atitudes eram discretas" — escreve na autobiografia.

"Eu procurava trabalho somente para não passar fome, para ter ocasião de completar, mesmo de uma maneira demorada, a minha educação. Sem dúvida, jamais me teria interessado de meu ambiente se..." Se seu ambiente não se tivesse interessado por ele, e eis em que condições.

Nas construções, os operarios quiseram obrigar Hitler a filiar-se ao sindicato. O proletario provisório (como se julgava), o desambientado, o "artista", negou-se categoricamente.

Desde então, declarou-se a guerra entre ele e o sindicato; não encontrou mais trabalho. A disciplina sindical levada ao extremo, até fazer faltar o pão aos não organizados, empurra-os para o fascismo. Hitler não tinha vinte anos ainda: seu primeiro contato com as organizações operarias fizera dele um seu irreductível inimigo. O anti-marxismo de Hitler vem daí.

Adolf Hitler, que se dizia então desenhista-arquiteto, passou de Viena para a Bavaria. A partir de 1912, estabeleceu-se em Munich como decorador. Participa da guerra como voluntario do exercito bavarés. O armistício, a derrocada do Imperio e a fundação da Republica, encontram-no no hospital de Pasewalk.

Depois continua prestando serviço no exercito, com seu batalhão, na Alta-Bavaria.

Nos dias da revolução dos Conselhos de Trabalhadores, o regimento de que faz parte é removido para Munich.

Quando a Reichswehr e os corpos Francos recuam a cidade, Hitler faz parte da comissão de inquerito que instrue o processo dos revolucionarios. E' ele quem redige as atas de acusação. Notam-se nele elementos essenciais da sua ideologia: pangermanismo, anti-semitismo, anti-marxismo, defesa das classes medias, "Justiça alemã". Resta-lhe encontrar a função que ha de lhe permitir o desenvolvimento de suas facultades, e a organização sobre a qual apoiar-se.

O seu caminho, Adolf Hitler o encontra quando a Reichswehr fará dele um propagandista da contra-revolução. Seguirá um curso de educação destinado aos soldados e, em junho de 1919, assistirá uma

conferencia de Gottfried Feder, que mais tarde iria redigir o programa do partido Nacional-socialista. Feder entusiasmara-o, sobretudo pela distincção feita entre capital produtivo e capital de especulação. Nomeado "Bildungssoffizier", oficial-educador de um regimento de Munich, Hitler foi incumbido de fazer conferencias de propaganda politica. Tratava-se de reconduzir os soldados aos ideais nacionais e patrioticos, muito abalados. Essa foi sua estréia como agitador politico.

Possuindo o dom de captivar as assembleas, tornou-se logo um orador de certo prestigio.

No cumprimento de sua missão de oficial de propaganda, Hitler entrou então em relações com a organização da qual surgiria o Partido que hoje conta com milhões de aderentes. Essa organização, da qual participava Feder, era o "Deutsche Arbeiterpartei".

O oficial de propaganda Hitler foi encarregado por seus superiores de estabelecer ligação com esse partido, afim de examinar as possibilidades, pela Reichswehr, de uma utilização de sua organização politica.

Qual era esse "Partido operario alemão"?

Esse partido fóra fundado pelo mecanico Anton Drexler.

Anton Drexler é um homem sem cultura nem talento. Jovem operario, entrara, como Hitler, em conflito com o sindicato "marxista". Não sendo sindicalizado, não encontrara mais trabalho na sua profissão. A tática do sindicalismo a 100 %, aplicada em todos os países e em todas as épocas em que as organizações operarias eram poderosas, torna os que sofreram por sua causa, inimigos encarnçados dos sindicatos. Na Belgica, é por se agitar o espantallo da palavra de ordem "rood or geen brood" (seja vermelho ou morra) que os catholicos denunciam o socialismo. Na Italia, essa tática levou inúmeros operarios ao fascismo. E na Alemanha, encontramos, na origem do movimento nacional-socialista, dois operarios aos quais a intransigencia dos sindicatos "marxistas" suprimiu o meio de ganhar o pão.

Drexler é obrigado a ganhar a vida tocando citara nos estabelecimentos noturnos. E' possuído pelo odio ao marxismo e sonha um socialismo nacional anti-marxista. Durante a guerra, seu socialismo não difere muito do de Scheidemann. Mas quando, em 1917, manifestam-se as tendências pacifistas, mesmo no seio dos partidos burgueses, Drexler adere á seção de Munich do Vaterlandspartei, partido do pangermanismo e do anexionismo. Apreghoa a resistencia e combate a greve dos operarios de fabricas de munições. Mas, contemporaneamente, indignam-no a especulação e o açambarcamento que esfomeiam as cidades e move campanha contra os camponeses.

No principio do ano de 1918, é constituído em Bremen um "Comitê livre para uma paz operaria alemã", que pretende receber a adesão de centenas de milhares de trabalhadores. Drexler adere á ele com uma seção de quarenta membros de Munich. Esse grupo, cons-

tituído no dia 7 de Março de 1918, é o primeiro núcleo do partido nacional-socialista.

Detenhamo-nos aqui, porque é na sua ideologia que se encontra a origem da politica operaria do nacional socialismo. Drexler e seu grupo reclamavam uma paz de victoria e de anexações, para assegurar a grandeza da nação alemã. Substituem, á luta de classes do marxismo, a solidariedade das classes no seio da nação. Membro em 1918 do Sindicato dos Ferrovios, Drexler combate todavia a politica dos salarios elevados, acusando-a de favorecer a concurrencia estrangeira. Reclama do patronato "mais dignidade para com os trabalhadores". Aprova a organização sindical, mas denuncia a sua exploração feita pelos partidos politicos. Reconheceu-se, nestes pontos, o essencial do programma nacional-socialista em materia operaria e sindical.

A grande missão do exercito imperial

pelo general ARAKI, ministro da guerra do Japão

O general Araki, ministro da guerra do Japão, em artigo recentemente publicado, procurou demonstrar, assás ingenuamente, que os massacres, os incendios, as pilhagens, o roubo que o imperialismo japonês exerceu contra as populações desarmadas da China, tiveram como alvo a estabilização da paz e da prosperidade dessas mesmas populações. Essa, aliás, seria a grande missão do exercito do Mikado...

Eis o laborioso parto publicado no *Hendai* de Tokio:

... O fato de darmos uma importância tão grande á questão manchú não se explica somente por havermos perdido 100.000 homens e despendido dois bilhões de yens.

Mesmo os problemas da economia nacional, da demografia, da alimentação, da industria pesada e da defesa nacional não têm sino uma importancia secundária.

O principal, e é o que tememos, é que no caso de não ser nosso prestigio nacional fortemente defendido na Manchuria e na Mon-

golia, os perigos de guerra no Extremo Oriente se tornarão permanentes. Então, no futuro, novos obstaculos poderão surgir no caminho em que se desenvolverão os grandes ideais de nosso país, ideais de maxima importancia historica.

... Olhando para o lado de nossos visinhos vemos que a Asia perde cada vez mais seu caracter próprio. Nega-se, ás raças asiaticas, que constituem a metade da população do globo, o direito natural á existencia. Elas são acossadas para a parte oriental do continente asiático. Estamos ouvindo o sinal de alarme que convida os asiáticos, hoje á borda do abismo, a escutar a voz da razão e a pôr-se ao trabalho para restabelecer sua prosperidade.

Como, nas condições atuais, o Imperio japonês, que se encontra no rol dos países desgraçados da Asia em derrocada, poderia permitir-se o luxo de ficar tranquilo, como si não houvesse acontecido nada? Si o Imperio agisse dessa forma ele iria contra a indicação do céu e se desviaria do caminho que lhe indicaram os ancestrais imperiais.

A grande missão do Exercito imperial é a de manter a paz e garantir a prosperidade ás populações do Oriente.

As vantagens da imprensa unificada...

Todos nós sabemos que uma das maiores vantagens da imprensa oficializada — á parte a comilança nos cofres publicos — é a de esconder os escandalos da gente de governo, por mais vergonhosos que forem.

Uma prova desta verdade corriqueira é-nos fornecida pelo telegrama que chegou no dia 24, de Roma, ao jornal fascista "Fanfulla" e que reproduzimos, a seguir, fielmente traduzido:

ROMA, 24 (Serviço telegrafico especial do "Fanfulla" — Via Italcable). — Teve lugar, ha dias, uma violenta polemica entre os jornais "Impero", dirigido por Emilio Sellimelli e "Regime Fascista", jornal de Roberto Farinacci.

O "Impero" acusava Farinacci de se haver aproveitado de sua autoridade de Secretário Geral do Partido para angariar o dinheiro necessario para a fundação do diario de que atualmente é diretor. Farinacci, numa carta aberta, rebateu as acusações "provando" o seu desinteresse e declarando ter a intenção de processar o "Impe-

ro" por crime de difamação.

O incidente, porém, não terá continuação, devido á intervenção das altas hierarquias (s'c). Deste incidente decorre, porém, a disposição de s. ex'cia. Starace sobre as cartas abertas, disposição de que demos noticia ha dias".

Como se vê, quando o ex-secretario geral se dispunha a provar a improcedencia da acusação, as altas hierarquias interferiram no caso, evitando que o sr. Farinacci tivesse o ensejo de demonstrar a sua pureza de intenções e o seu desinteresse...

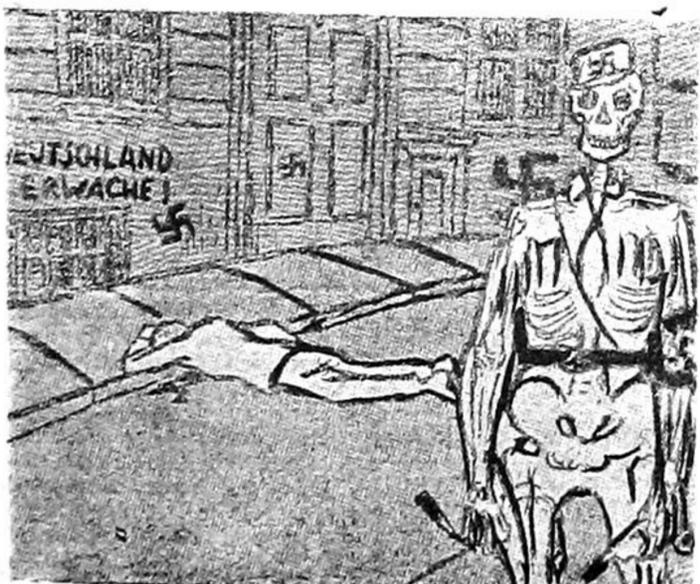
Ou evitando que o sr. Sellimelli provasse a veracidade das acusações?

Obrigação — Bonus Promissorias

C. I. T. A. mantem um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos titulos publicos. Fazel vossos negocios por intermedio de

C. I. T. A. LDA.

Direção do Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)



CINEMA

Olimpio Guilherme, quando voltou de Hollywood, trouxe um sacco de experiencias e um livro, "Hollywood"... As experiencias, mais meritorias que o "astrismo" e a fortuna; o livro, narraçao sincera das miserias materiais e morais que observou na feia realidade do industrialismo feroz da cinelandia. Agora, Olimpio Guilherme escreveu uma carta — publicada no "Estado" de domingo passado — que achamos util transcrever, por tratar-se de um protesto indignado e simpatico contra um fato que constituiu o epilogo da sabotagem que os plutocratas da cinematografia norte-americana vinham levando a efeito contra o grande diretor sovietico Eisenstein... O fato apontado encerra em si todo o significado da luta do industrialismo reacionario contra um artista liberto e revolucionario, que realizou o postulado de um cinema que se propoe educar as massas a verdade historica e social, e exprimir artisticamente a realidade e as aspirações das coletividades oprimidas.

Bris a carta:

"Em obediencia ao pedido que me dirigiu meu amigo Seymour Hersh, um dos diretores do "Experimental Cinema", que se publica em Hollywood, remeto-lhe, com esta, uma copia do protesto que o melhor jornal cinematografico do mundo assina contra a indigna exploracao comercial do extraordinario "film" de S. M. Eisenstein — "Que viva Mexico!". O grande diretor russo, tendo rompido o infeliz contrato com a Paramount (porque não quiz submeter-se ás ridiculas imposições do "script" de "Uma tragedia americana" — "American Tragedy", de Dreiser —) conseguiu, com alguns capitalistas "yankees", os fundos necessarios para a fatura da grande obra cinematografica que se chama "Que viva Mexico!". Magistral concepção cinematografica da dramatica vida politica e social da grande Republica do norte. "Que viva Mexico!" constituiu uma documentação historica de valor inestimavel para o mundo e, principalmente, para a America Latina.

Pois bem: impossibilitado de reentrar no territorio norte-americano (onde se achavam os negativos revelados da pelicula feita no Mexico...) porque a isso o impediam mil e uma razoes da politica social "yankee", Eisenstein vê agora, o fruto do seu trabalho miseravelmente escalavrado pelos cortadores de Hollywood, incumbidos pelos lançadores do "film" de editar "Que viva Mexico!" e lançá-lo no mercado com o nome de "Thunder over Mexico".

Ora, ninguém ignora que a "montagem" constitui o segredo da arte cinematografica e que cortar

um "film" de Eisenstein sem o seu imprescindivel concurso, é amputar e adulterar completamente a obra de arte, da maneira mais grosseira e indigna. Resultado: "Que viva Mexico!", estupendo triunfo cinematografico do diretor de "O encouraçado Potemkin", não passa, hoje, de um "travélgue" vulgar, com todas as imperfeições da produçao comum "made in Hollywood", mistificação que tem revoltado os cineastas do mundo inteiro, porque é o fruto miseravel da ganancia dos banqueiros de Eisenstein, ávidos de lucros rápidos e certos... Eis aí, em poucas palavras, a triste informaçao que motivou esta carta. Ela contém o meu protesto contra a iniquidade que se perpetrou contra "Que viva Mexico!"

O cinema na França

Lemos num dos ultimos numeros de "Monde" extensa crônica sobre os revezes da arte do filme; a ruina do cinema francês, a crise geral, as reacções do publico já um tanto mais "educado", o aperfeiçoamento da técnica, a angustia dos melhores diretores mundiais. Tudo isso suscita "movimento", e procura de novos problemas. E a cinematografia francesa continua na retaguarda. Confirma-o, também, uma corajosa publicaçao de jovens que aparece em Nice, "Cinema ao serviço da Ideia", cujo primeiro numero oferece util contribuicao ao cinema considerado como arte social e arte de paz. — E na Alemanha? "O fascismo" — diz a citada publicaçao — "continua seu programa de aniquilamento social e intelectual; o cinema alemão, ninguém duvide, também levou as suas; espulso todos os seus elementos israelitas, boicotados e exilados Pabst, Trivas, Erich Pommer, Fritz Lang, Erich Charell e outros. Sob o signo do cretinismo gamado, a "epuração" prossegue, enquanto se extingue a arte cinematografica de uma nação a quem devemos algumas das obras primas mais significativas e mais sinceras."

...E no Brasil

Decididamente devemos sempre andar atrasados cincoenta anos... (até em matéria de fascismo, no que ficamos — ainda bem — apenas nas "camisas"). A "nossa" ultima produçao depois do ROMANÇALHO truculento de "Ganga bruta", está sendo anunciada: "HONRA E CIUME". O titulo define o argumento, como as fotografias expostas no cartaz definem o trabalho cinematografico... Honra e ciume... estamos ainda em pleno drama! Ao menos, no teatro brasileiro, com as obras e as intenções da Joracy de Camargo estamos nas pegadas do teatro mundial contemporaneo.

Quando decidirão os nossos atuais cineastas realizar "Amores da Virgem" e "A Marquiza de Santos"?

ALPHEU PARANA'

Dr. Elias Machado

ENGENHARIA CIVIL

Rua Libero Badaró N.º 30

Estér Pérez

Parreira Diplomada

RUA CAIO PRADO, 57

Tel. 4-7110

Os estudantes alemães na obrigação de delatar os seus colegas não racistas

O espião é o ser mais baixo e desprezível entre todos os seres. Na Alemanha hitlerista essa infamia social e moral que é a espionagem politica está promovida, de agora em diante, a moral de Estado.

BERLIM, 7 (H) — O Ministro dos Cultos da Prussia ordenou a exclusão das universidades prussianas de todos os estudantes comunistas, ou mesmo simplesmente suspeitos de simpatia pela causa marxista.

A medida impõe aos estudantes racistas, a obrigação de denunciar os seus colegas extremistas.



Homenagem impensada

(O Chanceler Hitler colocou uma cruz gamada de flores sobre o tumulo do Soldado Alemão desconhecido — Dos jornais).

O milfidano nazi — Senhor Chanceler, e se o soldado alemão desconhecido for judeu!

(Do Dagens Nyheter, Stockholm).

NACIONAL - SOCIALISMO

(Continuação)

Mais radical é o procedimento preconizado para a reforma agraria (ponto 17): "Exigimos uma reforma agraria que esteja adaptada ás nossas necessidades nacionais. Do mesmo modo, uma lei para a confiscação gratuita da terra para fins de utilidade geral. Exigimos a abolição da renda e o impedimento de toda especulação agraria". A força propagandista desta sentença consiste num conhecimento antiquissimo: que a terra, por não ser creada pelo homem e por não ser multiplicavel pelo homem, não deveria ser monopolizada, pelo individuo isolado, causando um prejuizo á totalidade. Em todo programa socialista encontra-se este postulado. Porém, o que sucede com a reforma agraria á base da interpretação oficial nacional-socialista? Rosenberg (1) declara em primeiro lugar que o sólo é propriedade de toda a nação; a mais, que toda compra e venda de terrenos tem que passar pelas mãos do Estado; a favor de interesses publicos, como seja a construcção de estradas de ferro, canais e estradas; os terrenos podem confiscar-se de modo gratuito. Justifica este procedimento, considerando-o semelhante ao pagamento antecipado das contribuições pela esperada mais-valia. Apesar desta interpretação de parte do partido, os grandes proprietarios que, sendo seus financeiros, merecem todos os resguardos, exigiram declarações mais obrigatórias sobre a absoluta inocuidade do ponto 17. Hitler as fez com as "fortes" palavras seguintes:

"Em vista das mentirosas interpretações do ponto 17 do programa nacional-socialista, por parte de nossos inimigos, deve-se afirmar o seguinte: Como o partido nacional-socialista se funda na propriedade privada, explica-se por si mesma a frase: "confiscação gratuita". Refere-se ela tão somente á creação de possibilidades legais afim de confiscar, em caso de necessidade, uma propriedade, si sua aquisição se verificou de modo ilegal ou si não for administrada conforme o bem do povo. Isto dirige-se por conseguinte, em primeiro lugar, contra as sociedades judias que vivem da especulação agraria. Munich, 18 de abril de 1928. — ADOLF HITLER."

Nesta agressão contra as sociedades judias de especulação agraria se resume todo o "socialismo" dos "Hakrenkreuzler". Os nacional-socialistas, porém, querem ser também um partido operario, e por conseguinte é preciso que assentem também para els uns principios em seu programa. Porisso, exige-se no ponto 15 "o amplo desenvolvimento das pensões para a velhice"; o ponto 20 pede "a instrução e a perfeição dos menores pebres dotados de extraordinarias predisposições mentais, ás expensas do Estado, sem consideração da classe ou profissão dos pais". O ponto 21 exige o amparo da mãe e da creança, e a proibição de trabalho da infancia. Sem dúvida, falta o seguro aos sem-trabalho.

Todas estas boas e formosas cousas já foram prometidas ao trabalhador por varias partes, e também as apregõam os propagandistas de todos os programas de partido. Parece-nos inverosimil que para a realização deste projeto os grandes proprietarios de Leste, os magnatas das minas e os grandes industriais — que são os que em maior grau fomentam o movimento nacional-socialista — sejam as pessoas mais apropriadas. De forma que se torna muito inverosimil que os próprios nacional-socialistas creiam que os operarios, seduzidos por aquelas promessas, se passem para o seu partido.

Restam todavia umas pretensões e explicações gerais que mais ou menos pertencem ao programa inteiro. Tal é o ponto 19, que propõe substituir o direito romano por um "Direito alemão comum". Não objetemos que este direito se chame alemão, pois é feito por "alemães" e para "alemães". Supondo que se tratasse aqui de um "direito nascido conosco", esta frase significaria uma confissão da necessidade de reformar este direito. Efectivamente, todo o mundo pede, nesta época, uma reorganização do direito; nominalmente, um deslocamento amplo dos limites entre o direito publico e o direito privado. Porém, segundo a interpretação oficial do teórico do partido, Alfredo Rosenberg, a intenção é cousa distinta do que parece. O que unicamente se quer verificar é uma modificação constitucional que permita exigir responsabilidade aos ministros e deputados sobre sua atuação politica perante uma "Audiencia Nacional Permanente. Existiu cousa semelhante na Atenas democrática e na Republica Romana. Nisso tudo, pois, nada se vê de germanismo. O que se vê, porém, com muita clareza, é a intenção de crear um órgão para a ditadura.

Não precisa ver tragicamente nem este ponto. O individuo que o

concebeu, não compreendeu nem o direito romano, nem o direito alemão. O direito romano para Rosenberg, é o "produto do processo corrosivo srio-romano"; de forma que para ele também isto é uma artimanha dos malditos judeus.

Da religião se diz no ponto 24. "Exigimos a liberdade para todas as religiões no Estado, desde que isto não ponha em perigo sua estabilidade, ou não se oponha ao sentido moral da raça alemã. O partido adere ao cristianismo positivo, sem ligar-se, desde o ponto de vista da religião, quer a uma ou outra confissão. Luta contra o espiritismo judeu e materialista dentro e fóra de nós, e está convencido de que um ressurgimento de nossa nação pode efectuar-se unicamente á base do principio: "O interesse publico está acima do interesse privado".

O teórico citado quer-nos explicar aqui que, "desde o ponto de vista científico, não ha dúvida" que os principios morais dos judeus estão em contradicção com os dos alemães. Deste modo a liberdade religiosa que se exige não tem efeito para os judeus.

Como último postulado — ponto 25 — temos o de uma poderosa força central no Imperio e a formação de câmaras corporativas e câmaras de profissões nos Estados isolados. Interpretam-se estes pedidos — sem nenhuma conexão com o texto — do seguinte modo: supressão do parlamentarismo em favor de uma força central, a qual teria como organismos consultivos, a seu lado, os representantes da nação e das câmaras.

Tal é o programa, com excepção dos "dois pontos cardiais" — o problema das raças e o de "acabar com a servidão dos rendimentos" — dos quais trataremos mais amplamente. Esse programa é uma especie de armazem para desconter, em que cada qual poderá encontrar a frase que lhe agrada. Seus propagandistas mais eficazes são a miseria, a incerteza e a confusão de nosso tempo. A miseria não pôde e não quer esperar; não quer e não pôde pedir conta de uma impessoal fatalidade economica. O nacional-socialismo aponta-lhe um culpado: o judeu. E ao lado disto promete-lhe varias cousas appetitosas. O programa é uma adaptação á disposição dos espiritos, não, porém, uma tentativa de indicar o caminho para sair da miseria social e politica. Apela aos homens como si tocasse a rebate: seu chjectivo, porém, não é extinguir o fogo, mas sim congregar o povo desesperado. O nacional-socialismo não nos diz o que quer: Monarquia ou Republica; um direito eleitoral geral ou limitado; liberdade de associação e de reunião ou supressão da mesma. Apresenta-nos um programa sem compromissos, concebido sem reflexão, e do qual toda pessoa poderá pensar o que quizer.

Seu programa consiste, em síntese, em introduzir a violencia na luta politica.

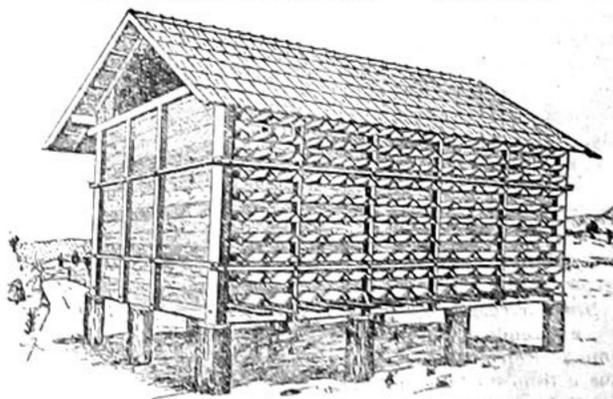
ODA OLBERG

(do livro "Nacional-socialismo" — critica do movimento fascista alemão, ed. "Dedalo" — Madrid — 1933).

(1) — Alfredo Rosenberg: "Carácter, rasgos essenciaes e finalidades do Partido Operario Alemão Nacional-Socialista", Munich — 1923.

TULHA SECADEIRA SALVADOR PIZA

Rua Libero Badaró, 30 — S. PAULO



LITERATURA

DIRETRIZES

A frase igual expressando a necessidade de "intervenção ativa" na vida do tempo que eu escrevi no numero anterior desta seção, é de Gorki, em "Eux et nous". Não representa entretanto senão um pensamento muito generalizado e que os expressionistas da poesia alemã de logo depois da guerra puzeram nos seus poemas "humanitários", já que não puderam ir além. É assim Franz Werfel e outros. Dêle o poema do desejo de ser parente do Homem, embora seja um negro, um acrobata, uma criança de peito, uma jovem que canta, um soldado ou aviador de coragem encarniçada... Já lembrei, no numero passado, o ponto de vista também "humanizador" de Lima Barreto, em nossas letras. Ele queria muito a compreensão espiritual dos homens. Mas sua pena de humorista mergulhava muito fundo nessa "insondável burrice humana" e assim é que nem sempre o idealista conseguia fazer da realidade de seus contos e romances esse elemento coordenador da ansia dos homens, que ele visava. "Sua excelência" é um importante exemplo de sua força destruidora. Um parlamentar vai pra casa de automovel e a um certo ponto começa a dormir e sonhar que era o chofêr. Então, chega na porta do Congresso e recebe servilmente o patrão... mas, que delirante poder de destruição na trama dessas tres paginas lentas e perfeitas!

Em mais de uma vez porém, Lima Barreto deixa patente como nunca em nossa literatura a contradição fundamental da sociedade que analisa (ex. "Clara dos Anjos").

Isso aconteceu ainda no romance escrito na banca de jornalista "Nina e a nina" em que focaliza aspectos interessantíssimos do Rio Janeiro, realizando uma ampla demonstração caritativa e vigorosa da "Alma do pequeno-ral mas grande".

burguês que vence na politica com os discursos escritos pelo primo, amante de sua mulher...

Muitos anos depois Osvaldo de Andrade escreverá "Serafim Ponte Grande" que é a fotografia animada e comentada do pequeno-burguês "na maré alla da ultima etapa". Foi o escritor mais inteligente e imaginoso que tivemos depois de Lima Barreto. Não pôde ainda passar definitivamente para o lado da trincheira por lhe faltar base-ambiente. A sistematização da ironia graça "piada" que ele conseguiu grudar no panorama de suas possibilidades, é desses moldes que estão sempre fundindo a mesma coisa com a insistência de uma matriz de linolpo.

Está para aparecer o romancista que demonstre e vá acentuando em nossa "realidade brasileira", — tão igual as outras realidades de outros países em seus aspectos essenciais, todas as contradições econômicas que criam os conflitos sociais, profundamente humanos sempre, quer seja a consequência do amor insatisfeito, das ambições sem horizontes, da luta de classe, da revolta dos oprimidos.

E ao literato de hoje cabe ir entrando decisivamente nesse terreno, porque é só por ele que teremos uma literatura que corresponda efetivamente aos momentos agitados da historia atual quando mais se acaucam as contradições fundamentais, na linha do desenvolvimento da sociedade capitalista.

A literatura revolucionária em conteúdo, mas realista em sua mais ampla compreensão dos acontecimentos que interessam ao homem de hoje — canalizados todos nas linhas estruturais do regime em agonia, será essa. Desmascaramento audaz e decisivo, "Passageiros de 3.", "Petroleo", "Judens sem

dinheiro", e é Gold, Upton Sinclair, Kurt Kleiber.

Naturalmente é muito difícil que algum brasileiro logo vá publicando coisas revolucionárias como esses escritores que estão muito longe dos nossos estreitos grupinhos intelectuais, onde sempre ha alguns caciques católicos e consequentemente cretinicos. Essa suficiência de cretinismo está como uma super-censura na porta das redações dos jornais, onde se dá no Brasil o início da carreira literaria, e tambem na porta dos editores, esses individuos calculistas e ambiciosos, que só querem fazer industria sem escrupulo algum e sem visão nenhuma. A gente que lê vai acitando tudo. Nas seções bibliograficas dos jornais de novo o cretinismo católico e recalçado engole as iniciativas bem intencionadas e glorifica as "obras" de Paulo Setubal, de Viriato Corrêa, de Gustavo Barroso, de Menotti del Picchia e de outros heróis do romance das bandeiras e de outras coisas movimentadas do nosso passado.

Um desses escritores me disse: "A receita é esta. Leia-se um pedaço de historia de S. Paulo, período das bandeiras ou das bandeiras de Pedro I. Depois se organize com apoio nesses dados historicos uma historia heroica ou piçante, com alcôvas bem cheirosas. Escrevam-se 300 paginas, e venda-se à Companhia Editora Nacional pela quantia de 3:000\$300". E assim que se procede. criminosamente, ao envenenamento intelectual do leitor, produzindo-se baboseiras para enriquecer editores. Fora dessa literatura sordida, os escritores de São Paulo não deram nesses seis mezes de 1933 um romance, um livro, um artigo, pôde-se dizer...

GERALDO FERRAZ

ARTE

Soneto pro Conselho de Orientação Artística

Dizem que existe um Conselho de Orientação Artística no Estado de S. Paulo. Esse Conselho se reúne às vezes. Mas ao mesmo tempo os pintores Parreiras, Clódy Amazonas, Campão (ah, este é que é gosado!) e outros, andam soltos por aí fazendo exposição de pintura.

Dizem que existe um Conselho de Orientação Artística. Mas a Pinacoteca virou grupo escolar, o grupo escolar virou quartel, o quartel o fogo queimou, o fogo a agua apagou e ficou tudo na mesma. Existe o Conselho?

Dizem que, etc. Pois a Instrução Artística do Brasil andou fazendo força para meter alguns concertos, alguma coisa de "instrução" no crâneo das nossas crianças e os membros do Conselho parece que não existiam então... Mas, agora mesmo a Instrução Artística fez um concerto e nada. O Conselho existirá?

Outra poesia é essa. Dizem que os membros do Conselho são fulano e fulano e sicrano. Mas o Conselho não vive, não anda, não mexe. Existe. Como a Santissima Trindade. Está em toda a parte. Aparece e desaparece. Mas não é verdade. No fim é capaz de nascer algum filho, sem pai.

Isto não é uma crônica séria. Existirá?

F.

Livros de Historia da "Revolução de 1932"

Os livros de historia da "revolução de 1932" que hoje, passado um ano, continuam a aparecer, estão aumentando muito a inútil montoeira de papel que os nossos editores põem nas livrarias para lograr os incautos. Decididamente, a revolta de 32 não justifica a edição de tanto livro, muitos dos quais completamente vãos de interesse pitoresco, de observação, ou de síntese e exame critico do movimento. Ha uma auto-confissão nesses volumes, e é só para que se aproveite. O desabafo individual é a sua unica razão. Porque, precisamos de ver bem claro, anda já em trinta e tantos volumes a historia da revolta, e, a bem dizer, ela não foi escrita ainda...

A INEXISTENCIA DA ALMA

NOVO LIVRO QUE TRATA DA REALIDADE DA VIDA

ACHA-SE A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Preço 3\$000

Passando das relações da técnica com as formas estéticas, examinemos agora o carater social e totalitário da realização artistica no passado. Este carater provinha sem dúvida de uma concepção única e geral da natureza e da sociedade, adotada já numa fase mais alla de organização civilizada, quando a ordem social se baseia na propriedade privada dos meios de produção e na divisão em classes. É o caso para o patriado grego. Os escravos estavam em posição muito próxima ao animal para que pudessem opôr ao patriado grego sua concepção própria do mundo.

Na idade cristã, si o equilibrio já não era tão perfeito, sendo as relações sociais mais complexas, coexistindo entre o nobre e o servo uma classe de homens intermediários, desde a burguesia e os artesãos das cidades até o camponês independente, em todo caso a função religiosa de sua arte era manifesta.

A Renascença marcou o início do individualismo, com as primeiras vitórias decisivas do regimen capitalista nascente. Ainda assim, a arte ali se caracterizou pela luta travada entre o novo ideal estético, de endeuamento da personalidade humana abstrata, e a velha concepção mística. Sob a forma de luta entre o ideal monástico medieval e o ideal terreno da Renascença, revelou-se pela primeira vez uma dissociação crescente na concepção única entre a natureza e a sociedade. O triunfo do individualismo, sua explosão depois do longo período de recalçamento ascético do cristianismo, caracterizou a Renascença.

A imaginação criadora tinha nas artes do passado, como fonte nutriz, uma concepção que nada tinha de científica. A realização artistica do passado pressupunha, pois, uma mitologia, isto é, "a natureza e a própria sociedade, plasmada já de uma maneira inconscientemente artistica, pela fantasia popular", conforme a definição de Marx. Era essa mitologia o arsenal da arte antiga.

A arte na Grécia era assim condicionada à sua mitologia, que, por sua vez, resultava do modo de produção ali dominante, do seu grau particular de desenvolvimento técnico e científico, da organização do trabalho escravo. Essa arte "não poderia surgir em uma sociedade que excluísse

As Tendencias Sociais da Arte e Kaethe Kollwitz

Conferencia realizada por Mário Pedrosa no "Clube dos Artistas Modernos", em 16 de junho p. p.

(Continuação)

toda relação mitológica com a natureza, que pedisse ao artista uma imaginação que não se apoiasse na mitologia".

A medida que o desenvolvimento técnico se acentua, estendendo o poder do homem sobre a natureza, as concepções mitológicas tendem a ceder o lugar a explicações menos antropomórficas e fantasistas. Um novo céu constelado e mecânico se vai assim formando para a criação poética e artistica ulterior.

Enquanto entre os gregos, tanto o conceito da natureza como o das relações sociais se identificavam na mesma expressão mitológica, nos povos da época moderna, pelo contrário, a partir da Renascença e da Reforma, aumenta a dissociação crescente entre esses dois conceitos.

A burguesia nascente, aglomerada nos centros urbanos em florecimento, acumulando riquezas sobre riquezas, segura de si e entusiasmada pelos seus triunfos econômicos, é ávida de goso terreno, consumida por um frenesi dionisiaco de viver e de dominar. A finalidade econômica social da produção submete-se ao interesse individual. Surgem para a estética os problemas novos do desenvolvimento da personalidade, as grandes paixões do homem individual na sua relação com o seu próximo. A estatuaría e a pintura da Renascença como as criações dramáticas de um Shakespeare exprimem esse estado de espirito. A luta de classes então aguça-se. A individualidade impõe os seus direitos. A arte perde a sua expressão social totalitária. Especializa-se e isola-se dos outros fenômenos sociais da civilização. Os motivos estéticos sociais assumem uma importância que nunca tiveram, crescendo paralelamente aos técnicos.

De função pública que exercia na Grécia, a arte vai assim degradingolando até reduzir-se a uma mera distração de ociosos abastados, a ornamento e vaidade de príncipes, e até a "disciplina do luxo".

A mesma dissociação havida entre as ciências físicas e sociais se verificou no domínio da arte entre o seu aperfeiçoamento técnico e sua concepção ideológica do mundo. Essa dualidade comprometeu irremediavelmente a sua essência socializadora e sintética.

No presente estado social, com a sociedade dividida em duas classes irredutivelmente antagonicas, o modo de produção já necessitando ser no vamente socializado e o aparelhamento técnico-industrial já tornando o homem capaz de impor a sua vontade racional à natureza, — a decadência das mitologias passadas se encontra em vários estágios de ruína, segundo o grupo social de que se trate. Com o advento da burguesia como classe dominante, a concepção científica da natureza foi enfim construída. Falta agora uma nova concepção geral do mundo, em que tanto a sociedade como a natureza se integrem científica e harmoniosamente. Essa concepção só poderá ser obra do proletariado.

Elaborado finalmente o conceito geral da natureza, os artistas modernos dêle se apoderam e tentam extrair daí uma imagem sintética que seja a expressão de sua sensibilidade. Quanto ao conceito da sociedade, a teoria geral ainda estando em formação, precisa para impôr-se definitivamente vencer a batalha contra as forças da reação, e o seu destino está assim preso à sorte final da luta que se trava entre o proletariado e a burguesia. Daí a individualização da imaginação moderna, que assinala a expressão artistica de nossos dias. Do mesmo modo que a arte grega tirava inconscientemente do arsenal de sua mitologia as formas de sua imaginação criadora, os artistas modernos não fazem outra coisa do que inconscientemente extrair, não de uma mitologia, mas da concepção científica e racional da natureza, as formas e as realizações estéticas de suas criações.

A síntese integral e científica entre os dois conceitos, que até agora não se amoldam dentro do cérebro do homem moderno, será uma etapa

CIENCIA

A DESCOBERTA DO POSITRON

Ha um mez, pouco mais ou menos, o prof. Dirak deu-nos conta da enorme sensação criada em Cambridge por ocasião da descoberta, por Blackett, de uma partícula de carga positiva, mas tendo a massa não de proton, mas de electron. O artigo aparecido sobre este assunto no fascículo de Março da Revista da Sociedade Real de Londres, que vinha acompanhada de 13 fotografias, dissolveu todas as dúvidas. Os trabalhos de Blackett tiveram grande eco no mundo dos físicos. A descoberta do neutron feita no último ano, empalidece muito deante desta coleção de fotografias e de discussões que aparecem sob o título modesto de "Algumas fotografias de Radiação penetrante". Os trabalhos de Blackett fazem combinar os processos experimentais mais delicados da fotografia de raios cósmicos à análise dos *processus* nucleares fundamentais e às construções teóricas mais complexas de Dirak. Na técnica experimental Blackett foi além dos seus predecessores Boitey e Colherster, dos americanos Mott-Smith, Johnson e de todos os outros. O mecanismo se compõe de dois contadores de Geiger-Muller, entre os quais está colocado um aparelho Wilson. Só as ultra-partículas que conseguiram atravessar os tres aparelhos, puderam agir sobre o mecanismo de "detente" e provocar a formação de uma imagem fotografica.

A ultra partícula fotografou-se por si própria! Todo o *processus* durou apenas uma fração de segundo. Compreende-se que nessas condições Blackett haja realizado uma verdadeira "fortuna". Ele obteve uma série de 500 fotografias de traços de ultra-partículas, quando Kuntze, de Rostok, possui apenas 90 e Skobeltsyn de Leningrado (que obteve em 1929 as primeiras fotografias de ultra-partículas), 170.

Do ponto de vista dos processos nucleares as fotografias de Blackett são de uma variedade sem precedentes. Skobeltsyn, citado mais acima, havia descoberto a

existência de traços duplos e de grupos de 3 ou 4 ultra-partículas. Estas "aversas" se formam sobretudo na materia que constitui a parede do aparelho, e a miúdo, se sucedem sem interrupção. Verifica-se uma corrente de descargas de um bilião de volts. Uma série de outras considerações — e particularmente as observações de Kuntze — permitem concluir a presença, na corrente comum de ultra-partícula, de uma energia alcançando um bilião de volts. Estas energias correspondem não mais aos protons desgarrados durante a síntese dos elementos, como supunha Milliken, mas a energia que se desgarraria quando da passagem do proton e do electron à radiação.

Fazemos notar a este proposito que as pesquisas de Copton e de seus colaboradores espalhados do Alaska à Australia passando pelas ilhas Hawaii provaram que o número das ultra-partículas dependia da largura do campo magnético. Eles demonstraram ao mesmo tempo a presença, na corrente de radiação cósmica, de partículas primárias e secundárias (desviadas pelos campos magnéticos da terra). Antes de Blackett, Anderson, colaborador de Milliken, e Kuntze tinham observado o desvio pelo campo magnético do caminho percorrido por partículas isoladas.

As notáveis fotografias de ultra-partículas e a descoberta das "aversas" seriam suficientes para tornar sensacionais os trabalhos de Blackett. Mas os experimentadores de Cambridge provocaram uma sensação ainda maior. Da análise das fotografias (exame do caráter dos traços, do seu comprimento e

de sua direção) eles deduziram a existência incontestável de positrons (partículas tendo a massa de electron mas carregadas — como o proton — de electricidade positiva). Temos, por exemplo, fotografias de "aversas" de partículas em que umas são desviadas à direita e outras à esquerda na direção do campo magnético, o que demonstra a diferença do sinal da carga. Ademais, a presença dos positrons distingue-se por um traço nublado. No ultimo outono Anderson supunha já a existência dos positrons nas suas fotografias, mas as suas considerações vagas, reproduzidas com pouca segurança numa revista popular e não num órgão científico, ficam infinitamente longe da argumentação inabalável de Blackett, cujas fotografias desmancharam todas as dúvidas.

E' preciso considerar que a descoberta de uma nova partícula, que sem contestação, é primitiva, um ano depois da descoberta do neutron, apresenta-se como "superflua".

Evidentemente, entramos numa época de acumulação de material experimental sobre a noz atômica, e podemos esperar, todos os dias, novas surpresas. E' muito pouco provável que o proton, o neutron, o o positron sejam elementos independentes do universo. Chegarse-á, com certeza, a reduzir ao mínimo o número dos elementos fundamentais da materia. Fato surpreendente, Dirak havia prognosticado, ha tres anos, a existência dos positrons, que, no seu parecer, consistiam em lacunas da repartição dos electrons na massa negativa.

Esta concepção é tão moderna que, em se verificando a teoria de Dirak (que sustenta Blackett) deveriamos considerar o autor, na fé das experiencias, como um dos teóricos mais originais de nosso tempo.

PROF. D. IVANENKO.
(Do *Leningradskaja Pravda* — Leningrado).

CASA MILION
ALFAIATARIA E ROUPAS
FEITAS
Rua Santa Efigenia, 129

Edições UNITAS

Enriqueça a sua estante sociológica com estes livros

Uma Biblioteca não é um luxo, é uma necessidade

SOCIALISMO:

MANIFESTO COMUNISTA—Karl Marx 2\$000
PRINCIPIOS DO COMUNISMO —
Friedrich Engels 1\$500
SOCIALISMO UTÓPICO E SOCIALIS-
MO CIENTIFICO — F. Engels . . . 3\$000
A B C DO COMUNISMO — N.
Bukharin 5\$000

FILOSOFIA:

CÂNDIDO — Voltaire 4\$000
O MARXISMO — Vários autores . . 4\$000
CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA
HISTÓRIA — Plekhanov 1\$500
LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA
FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMÁ —
F. Engels 4\$000
PARADOXOS — Max Nordau 7\$000

ECONOMIA:

O CAPITAL (Resumo) — Carlo Ca-
ffero 4\$000
O PLANO QUINQUENAL—L. Trotsky 4\$000
OS PROBLEMAS DO DESENVOLVI-
MENTO DA U. R. S. S.—L. Trotsky 3\$000
BANCOS POPULARES E CREDITO
AGRICOLA — Fábio Luz Filho . . . 8\$000
O COOPERATIVISMO E OS LATIFUN-
DIOS — Fábio Luz Filho 4\$000
O VERDADEIRO E O FALSO COOPE-
RATIVISMO — Fábio Luz Filho . . 8\$000
SOCIEDADES COOPERATIVAS — FÁ-
BIO Luz Filho 10\$000

POLÍTICA:

NO CAMINHO DA INSURREIÇÃO —
N. Lenin 6\$000
A REVOLUÇÃO ESPANHOLA — L.
Trotsky 2\$000
TEMPESTADE SOBRE A ASIA —
L. Manteô 3\$000
REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLU-
ÇÃO NA ALEMANHA — L. Trotsky 7\$000
O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTU-
BRO — L. Trotsky 2\$000

Antes, a
leitura;
depois,
cada
qual aja
como
quiser.

Rua 3 de Dezembro, 12 - 2.º andar
Caixa Postal, 2977

decisiva no desenvolvimento histórico e cultural da humanidade.

Já Wagner, depois da tormenta revolucionária de 1848, dizia: "Na época de sua floração, a arte nos grêgos era *conservadora*, porque se apresentava à consciência pública como uma expressão válida e conforme: entre nós, a arte verdadeira é revolucionária, pois só existe em oposição aos valores geralmente admitidos". Em nossos dias, a arte só poderá ser restaurada na sua dignidade antiga e representar uma função social, embora talvez com prejuizo de sua pureza estética, si se opuser aos valores admitidos. Na sociedade cortada pelo mais terrível antagonismo de classes, só atingirá a consciência pública, ou pelo menos a uma forma classista de consciência pública, sendo revolucionária. Esta forma de consciência geral, só uma das duas classes em luta tem o direito de representar. Não só pelo número crescente, como pelo formidável papel histórico a que está destinada — esta classe é o proletariado moderno.

A grande maioria dos artistas atuais, oriundos da burguesia, ainda não venceram dentro de si mesmos a profunda antinomia filosófico-social que domina nossa época. E é o impasse de onde não podem sair. Os seus esforços são grandes mas unilaterais. Reagiram em tempo e legitimamente contra o impressionismo, essa extrema deliquescência individualista a que chegou a arte. Esforçaram-se por não ver mais o espectáculo do mundo munidos apenas de uma ou duas miseráveis percepções das mais primárias do homem. Tiveram mais a intuição do que a compreensão de que os nossos sentidos não podem já hoje ser utilizados estreita e empiricamente, desprovidos de todo o seu sistema técnico-filosófico. Em frente ao imenso material acumulado pela grande indústria moderna, pararam hesitantes e intimidados. A vastidão desse campo tirou-lhes de uma vez as perspectivas sociais. Ocuparam a mesma posição de um operário comum que passa o tempo a tornejar um parafuso sem a compreensão do conjunto da produção.

Formidáveis cortinas de aço se abriram á imaginação do artista, divisando as prodigiosas dimensões de um arsenal infinitamente mais maravilho-

so do que as oficinas de Vulcano e de Mefistófeles, que são a indústria e a tecnologia modernas. Na impossibilidade de abarcar o seu conjunto, a imaginação individual paralizou-se e um novo processo de divisão do trabalho e de especialização desenvolveu-se ainda no campo da estética, e os ramos de arte, já tão separados, novamente se subdividiram, com novos modos de expressão surgidos de infinitas possibilidades, como o cinema. A sede ardente de síntese contida em toda manifestação artística esbarrou aqui em intransponíveis obstáculos sociais e técnicos. As condições produtivas, jurídicas e educacionais da ordem reinante não permitem que sejam vencidos.

A simultaneidade e a generalização do movimento chamado de arte moderna, por toda a parte e através de todas as diferenciações episódicas ou parciais, mostram o seu caráter social verdadeiro. Não foi capricho individual de ninguém nem movimento superficial de moda. Foi um momento na evolução histórica da estética e uma imposição das forças produtivas e culturais da época, exigindo manifestar-se sob uma forma social mais nobre. Mas esse movimento continua inacabado e não passará de um processo evolutivo, marcado ainda pela dualidade burguesa, a sua concepção puramente natural ou técnica deixa ainda de fora a sociedade. E' o que explica o seu caráter caótico, dando a impressão de uma oficina onde se estivessem montando, na barafunda mais completa e separadamente, as diversas partes de uma obra cujo conjunto ainda fosse impossível perceber.

Esse ecletismo social e filosófico é visível em todos os artistas, mesmo nos mais objetivos e sistemáticos, nos mais disciplinados á obra, como Picasso. Todos eles são marcados por um latente subjetivismo, que se manifesta toda vez que, saindo do problema técnico imediato a tratar, generalizam, procurando explicar a sua própria concepção estética. E tomam como estalão universal a própria personalidade, despojando-se assim da austeridade materialista com que crêm na existência dos objetos exteriores. Impressionistas na interpretação do mundo, estes artistas deshumanizam-se, separando-se da sociedade, isto é, dos seus problemas vitais, corrompem-se e idiotizam-

se, restringindo o seu plano social e as suas preocupações estéticas a um puro jôgo pueril de formas e naturezas mortas. A própria sociedade e os homens mesmo são para eles uma espécie de natureza morta.

A dinâmica social, porém, não permite que o espirito humano descance, paráltico ou imbecilizado, nesse infantilismo ideológico e estético.

Si as chispas mágicas dos altos fornos e as formas audazes das máquinas prodigiosas enchem o cérebro e a imaginação de uma parte dos artistas de hoje, levanta-se por outro lado, como exigência de integralização do espirito humano, como uma expressão necessária da sensibilidade moderna, uma outra parte destes, que deixa o campo da natureza morta e das pesquisas puramente técnicas para ver a sociedade em vivo, na sua dramática fermentação. Esses vão buscar os elementos de uma expressão poetica também moderna nas relações sociais contemporâneas.

Eis porque o campo artístico está dividido estética e socialmente: de um lado, a arte desses criadores que ficaram absorvidos por essa segunda natureza superposta á primitiva que é a nossa natureza moderna e mecânica — a técnica, e desligados completamente da sociedade, em parte por estreiteza mental, em parte para não tomar uma atitude em frente á implacável batalha das duas classes inimigas. O ar acaba viciando-se nessa atmosfera fechada, e eles se estiolam num irrespirável individualismo egocentrista a serviço de uma casta parasitária ou no hermetismo dileitante para meia dúzia de iniciados. Voltam passadisticamente á torre de marfim, no meio das fabulosas miragens de aço que os rodeiam. No outro lado, colocam-se os artistas sociais, aqueles que se aproximam do proletariado e, numa antecipação intuitiva da sensibilidade, divisam a síntese futura entre a natureza e a sociedade, destituída afinal dos idealismos deformadores e das convulsões místicas das carcomidas mitologias. E' o que explica o realismo do proletariado e dos artistas que exprimem em sua obra as tendências sociais de sua época.

E' o caso de Kaethe Kollwitz".

(Continúa).

ECONOMIA E FINANÇAS

Os funerais do Padrão Ouro

O presidente dos Estados Unidos, ou melhor o "brains trust", por meio do qual os interesses da indústria norte-americana regulam o "dinamismo" rooseveltiano, com a recusa de subscrever a declaração comum sobre a necessidade da estabilização monetária imediata, pregou o último prego do caixão do padrão ouro e, com isso, deu o tiro de misericórdia na Conferência de Londres.

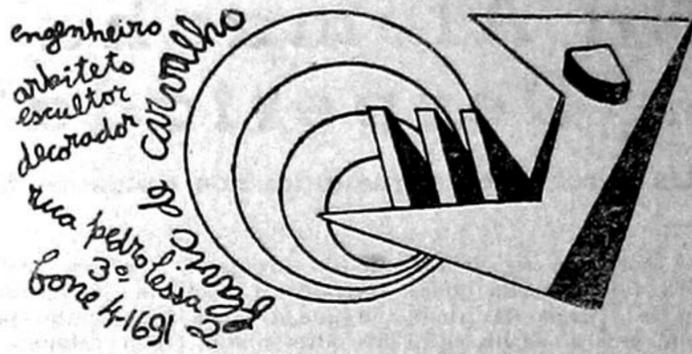
Não sem, previamente, e com requintes de Shylok, ter recordado à França que esta não se devia meter a discutir a melhor distribuição do ouro e da prata como reserva monetária, enquanto não equilibrasse os seus orçamentos e não reduzisse os seus gastos militares, "vivendo segundo os seus próprios recursos".

Assim, a situação internacional si não é promissora de paz, ao menos, precisou-se no sentido dos acontecimentos mais imediatos. A imprensa inglesa, notadamente, não tem mais ilusões a respeito da significação da política económica e financeira de Roosevelt, e a delegação britânica à Conferência, depois de ter fracassado a sua tentativa de discutir as dividas de guerra, logo ao começo da reunião de Londres, só procura agora achar um modo respeitável de encerrar tão incómodo concílio. Mesmo porque é próprio das táticas contemporâneas não poderem desenvolver-se indefinidamente, ainda no domínio financeiro. Premido o governo inglês, de um lado, pelos interesses mais

especificamente financeiros, representados pela política tradicional do Banco de Inglaterra, e do outro, pelos interesses menos particulares das indústrias, cujo domínio no atual gabinete é evidente, só lhe restava aproveitar-se da recusa dos Estados Unidos de endossar a estabilização, para descartar-se da responsabilidade do fracasso da Conferência. Mas a delegação yanqui apurou o golpe, alegando que a Conferência não podia ser adiada sem previo assentimento do presidente Roosevelt que... andava passeando. Macdonald, juntando uns restos de orgulho nacional, disse que proporia imediatamente o adiamento da Conferência. O secretário de Estado americano insistiu para que se consultasse o presidente, sendo apoiado, por mera cortesia pelos delegados da Itália e do Canadá. O "premier" inclinou-se à vontade da maioria e aceitou da Providência com equanimidade mais essa provação. Está assim a Conferência de Londres esperando, para encerrar os seus trabalhos que o presidente Roosevelt termine o seu passeio a bordo do "Indianapolis". A narrativa é da Agencia Havas, em telegrama datado de Londres, 4.

Pelo simples relato da reunião da comissão diretora da mesa da Conferência, na manhã de 4 de julho, pode-se ver que o desfecho não foi grande coisa como drama, e o padrão ouro teve um enterro de terceira classe.

Entretanto, precisam-se as posições, para a batalha no campo do mercado mundial. E pode-se afirmar que a questão monetária (estabilização, desvalorização, revalorização, volta ao padrão ouro, etc.) que apareceu em Londres como ponto crucial dos interesses opostos dos Estados Unidos e da Europa, pelo proprio desenvolvimento da situação e mesmo na ausência de qualquer regulamentação, tendo agora a simplificar os seus dados, integrando-se francamente nos quadros da competição entre a Inglaterra e os Estados Unidos. O bloco do padrão ouro, para exercer qualquer coisa de parecido com uma pressão sobre os Estados Unidos, terá necessidade do apoio incondicional da Inglaterra, que assumiria o compromisso de sustentar o franco e as outras moedas da Europa Central, isto é, o bloco do ouro sofriria de fraqueza congênita e liquidou-se com o esforço feito no arremedo de ultimatum à Inglaterra mas que, combinado com a delegação britânica, visava a rejeição pelos Estados Unidos, da política inflacionista. Este é o grande terror panico europeu. A simples perspectiva da elevação dos preços como base necessária da estabilização dos cambios, somente como poeira o poderio industrial da Europa, inclusive o inglês. E' essa a chave da política monetária britânica, anti-inflacionista voltando-se para Washington e inflacionista quando atravessa a Mancha.



MUSICA

Mundo do Raimundo

Fazendo, a sério, uma estatística sobre arte musical entre nós, destacamos forçosamente, dentre tantos criminosos passionais, 80.000 pianistas de sóvaco suado, 850.000.000 declamadoras de mau hálito, 859.000.000.000 de jogadores de yoyô e as peças accessorias da estupenda artilharia. "Qu'est ce que tu pense?"... In medius est virtus. Man is right always. Ich liebe dich. Não quero saber mais dela. Chopin com unha de malacachêta. Bach com velocidade de maratona porque a musica diz "fuga". Bizancio era um moço louro. A critica ri. Onde as fortalezas desassombradas da arte? Falo ninguem me entende. Olho não vejo ninguem. A semana musical se recosta no divan meigamente. Menotti del Picchia xinga M e M xinga Menotti. Movimento. Intrigas dos meios musical. Pastels de chinês "Laisse moi, contemplez ton visage" Instrução (?) Artística (?) do Brasil (?) Orfeu pisa os calos. Quando o seu olhar me dá a mão, sinto uma alegria de açougueiro. "A Severa". Os poetas-mortos. Flit. O piano grita de dor. Os professores de musica fogem da escola. Vão para o banco guardar dinheiro. Comércio e Industria. Vende-se lição e fabricam-se nulidades que possivelmente se tornarão mentalmente prostituídas pelos Pucini, pelos Leoncavallo, pelos Leonburros. Burros! Animal quadrúpede às vezes. Bacharel não raro. Gosta de cáxim e usa pincenê. Perdeu-se colarinho, quem o achar, devolva a Rui Barbosa.

Arte!

FERNANDO MENDES DE ALMEIDA

O Papa e a Espanha

"A República Espanhola — diz "Monde" — "procura, valentemente, sacudir o jugo dos padres, esmagar o secular e pesado poder que mantinha seu povo na escravidão. E o Papa, que não teve uma palavra sequer de reprovação contra a barbaria hitleriana, que "acolheu Hitler no seu côlo" fulmina e convida seus queridos filhos de Espanha a usar de todos os meios, afim de conduzir os próprios legisladores, "a reformar essas decisões, tão contrarias ao direito de todos os cidadãos e tão hostis à Igreja, substituindo-as por outras, conciliáveis com a consciência católica".

O Papa recomenda, em seguida, a união de todos em prol da defesa da fé, subordinando, "ao bem comum da pátria e da religião", todos os outros ideais, e insiste, principalmente, sobre a necessidade de se organizar e desenvolver a Acção Católica.

Maus hábitos de abençoadores e realistas á procura de desforra marcham juntos contra a Espanha.

E os bispos a ameaçar os republicanos de "excomunhão".

Felizmente, estes se... fomentam!"

Estoque de Ouro Amoedado no Mundo

O estoque de ouro amoedado, no mundo, cifra-se, atualmente, em 295,7 bilhões de francos. Esta importância reparte-se da seguinte forma entre os diversos países:

	Bilhões de francos	Porcento do estoque mundial
Estados Unidos	98,5	33,3%
França	81,0	27,4%
Inglaterra	17,5	5,9%
Suissa	12,5	4,2%
Itália	7,5	2,6%
Japão	5,4	1,8%
Alemanha	5,0	1,7%
Outros países	68,3	23,1%
Total	295,7	100 %

A França e os Estados Unidos retêm, sózinhos, 60,7 %, ou seja, dois terços do estoque de ouro do mundo. O Japão e Alemanha, cuja população é mais ou menos igual á da França e Estados Unidos, retêm 9,4 %, isto é, menos de um decimo.

A proporção do encaixe-ouro no montante de todos os compromissos bancarios (compreendendo a circulação das notas de banco, dos depositos á vista e compromissos e depositos dos bancos e caixas económicas) é um criterio muito importante do ponto de vista monetário.

Isto, estabelece-se da seguinte forma (em bilhões de francos):

	Encaixe ouro	Notas em circulação e depositos á vista nos Bancos e Colxas emissão	Compr total dos Bancos e Colxas económicas:	Relação entre o encaixe ouro e os compromissos bancarios
França	81	104	55	50 3 %
Suissa	12 5	12 5	35	26 2 %
Itália	7 5	20 2	40	12 5 %
Estados Unidos	98 5	105	1200	7 7 %
Inglaterra	17 5	45	180	7 7 %
Alemanha	5	22 5	113	3 7 %

O Comercio das armas

A presente estatística da exportação de armas foi publicada, ha dias, pela Sociedade das Nações:

	1927		1928		1929	
	Em milhões dólares	Em %	Em milhões dólares	Em %	Em milhões dólares	Em %
Inglaterra	15,4	32,0	20,0	33,8	21,7	33,8
França	4,6	9,6	8,7	14,8	9,4	14,6
Estados Unidos	9,5	19,7	10,7	18,1	10,7	16,7
Tchecoslovaq.	3,8	7,9	2,2	3,6	3,2	5,0
Suecia	2,9	6,2	2,7	4,6	3,3	5,1
Itália	0,5	1,1	3,4	5,8	3,7	5,8
Belgica	1,9	4,1	1,8	2,8	3,0	4,7
Total	48,0	100,0	59,2	100,0	64,3	100,0

As exportações da Inglaterra, dos Estados Unidos e a França reunidas constituem dois terços dos totais acima indicados.

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob.
Tel. 2-2157

Os produtores de prata são tenazes

Reunidos em conferencia, em Nova York, os representantes dos produtores de prata dos Estados Unidos, Canadá e do Mexico, acordaram-se em reconhecer a necessidade de adotar uma serie de medidas tendo por objeto a revalorização da prata-metal.

A conferencia estabeleceu as seguintes ideias basicas:

- 1.º) Emprégo da prata na constituição das reservas metálicas dos bancos centrais de emissão;
- 2.º) Suspensão de toda desmonetização da prata;
- 3.º) Circulação das moedas de prata de titulo fraco.

A conferencia reconheceu tambem a necessidade de reduzir a produção da prata, do chumbo e do zinco, mas não pôde tomar nenhuma resolução.

Anuncia-se tambem que o presidente Machado, de Cuba, autorizou a cunhagem de 6 milhões de dólares prata assim como a emissão de 6 milhões de dólares (certificados de prata) que serão garantidos pelos depositos de moedas de prata compreendidos no encaixe metálico do Tesouro Cubano.

"Monde"

Agencia Bremen Passagens

Largo de Santa Ephigenia, 13
Tel. 2-5413

A COOPERATIVA

MOVEIS E TAFEÇARIAS

Rua José Paulino, 80-A
Tel. 4-0918

Peleria Nova-York

Tel. 4-8942

Rua Barão de Itapetininga, 10

MALHARIA LOSOWSKI

Rua José Paulino, 80
Tel. 5-4163

O rotulo

Quem erguesse a vista, a 5 do corrente, para a fachada do Consulado alemão, á rua da Liberdade (que troná!) veria, ao lado do tricolor, ondulando a bandeira vermelha com aquela marca de kerosene, a "swarstika", com que o hitlerismo rotulou a embalagem dos liberdades publicas na Alemanha.

Pela primeira vez, parece, tremulou esse ultrajante pendão sob os céus paulistas. Não é ele, felizmente, o simbolo da Alemanha, a grande nação que é honra de genero humano. Fosse e, por mais exorvante, mereceria a nossa reverencia de cidadãos e de homens civillizados.

A cruz gamada, fazendo lembrar a escravidão ominosa de milhões de brancos, com o esmagamento do direito e da justiça recorda que, a 13 de maio de 1888, o Brasil deixou de ter escravos embora tão tardiamente que a um poeta, a bandeira nacional era simbolo que "servia a um povo de mortalha".

Uma aplicação pratica da biologia racista

Uma joven cigana de 16 anos, pertencente á aristocracia bohemia, acaba de mover, em Budapest, contra o celebre violinista cigano Farkashazy um processo por reconhecimento de paternidade. As testemunhas da queixosa depuzeram que tinham, todas, a impressão que o pai do bebê não podia ser sinão o violinista.

No entanto, a defesa apresentada pelo advogado de Farkashazy não estava fundada sobre simples impressões. O professor Meheley, celebre por suas obras racistas, a quem o cigano tinha recorrido, forneceu uma prova "cientifica" em favor de seu cliente. Ele havia enviado á crèche onde se encontrava a criança á procura de pai, seus assistentes, os quais, picando um dedo do menino, recolheram algumas gotas de sangue. Ora, a análise revelou o grupo sanguineo AO. Dado que O corresponde á formula indo-ariana (e é sabido que os ciganos são quasi que os unicos na Europa a representar essa raça) e A á formula semítica, é absolutamente impossivel, se se deve acreditar ao campeão do racismo científico húngaro, que o menino descendia de dois pais ciganos. Segundo ele, o pai não pôde ser sinão um judeu.

Estas subtilezas racistas não tendo tido o dom de convencer o tribunal, tanto mais que as teorias do professor Meheley estão sendo objeto de criticas severas nos ambientes científicos, foi ordenado um novo inquerito.

(De "Lu")

Tipografia Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6066

Na Alemanha "Despertada"

Os livros que se queimam nos autos-de-fé

A série de escritores cuja obra foi proscrita pelos senhores oficiais da Alemanha atual, com a sua inscrição nas listas... pardas, apresenta uma grande variedade. Recentemente, um semanário parisiense, "Vu", conseguiu obter a fotografia de uma das listas organizadas pela "Kampfbund für Deutsche Kultur" ("Federação para a proteção da cultura alemã") e cuja difusão havia sido terminantemente proibida pelo ministro da Propaganda, Goebbels. Nessas listas vêm-se nomes de cientistas, de poetas, de escritores de esquerda, de oficiais que a política, logo após a guerra, havia lançado no campo da esquerda democrática, do socialismo e do comunismo, socialistas, antigos ministros, laureados com o prêmio Nobel, nomes ilustres e nomes quasi desconhecidos.

Uma das cousas mais surpreendentes, nessas listas, é o numero consideravel de oficiais do antigo exercito imperial. Ali está o nome do comandante Anker, social-democrata e membro da direção da "Bandeira do Imperio", que, detido provisoriamente sob o governo de Von Papen, perencera, em outros tempos, ao circulo dos amigos do Kronprinz, de quem foi ajudante. Ele mudou de orientação no curso dos primeiros anos do após-guerra, como aconteceu com o general von Deimbling. Este que, no começo do nosso século, tinha dirigido na Africa uma expedição contra os indigenas revoltados, fora, em seguida, nomeado general comandante da fortaleza de Metz. Mais tarde, este militar encontrou o seu caminho de Damasco e, a exemplo do general von Schoenaick, presidente da sociedade para a Paz, e atualmente preso, tornou-se um adversario irredutivel da guerra, e mesmo um pacifista militante.

Mais radical ainda foi a evolução do capitão Arnold Vieth von Goltzenan, que escreve sob o pseudonimo de Ludwig Renn, e cujo romance "Krieg" ("Guerra"), constituiu um grande acontecimento literario. Renn tornou-se comunista e presentemente, já ha alguns meses encontra-se encarcerado.

Numerosos são os outros oficiais cujos nomes figuram nas listas mencionadas, não devendo, contudo, deixar de ser mencionado, o nome do capitão von Beerfelde, que durante a guerra manifestou sentimentos pacifistas, chegando a recusar-se a combater; libertando-se da prisão em 1918, desempenhou um papel saliente nos conselhos de soldados e operarios.

De outro lado, todos os que se opuseram á lenda da inocencia cem por cento das classes dirigentes alemãs nas responsabilidades da guerra e que combateram pela paz, foram igualmente, condenados a os autos-de-fé. Mencionamos unicamente os nomes do professor Quidde, premio Nobel, e

do professor Foerster, pedagogo e pacifista convencido, que já fora denunciado por Stresemann como estando a "soldo da França".

O matematico Gumbel, professor da Universidade de Heidelberg, expulso de seu lugar, é, depois do dia em que publicou uma obra sobre os assassínios cometidos pela contra-revolução e uma outra contra a ação da "Reichswehr negra", um dos homens mais odiados pela reação alemã. O mesmo acontece com os professores Nicolai e Greling e inumeros outros.

Quasi todos os nomes representativos da literatura contemporanea alemã encontram-se nesta lista. Ali se vê o de Lion Feüchtwanger, que foi dos primeiros a protestar contra as atrocidades hitlerianas. A seguir vemos os nomes de Emil Ludwig; Leonhardt Frank, (a quem os fascistas não podem perdoar o livro pacifista "O homem é bom"); Annette Kolb, cujo crime consiste em ter publicado um livro sobre Briand; Wicky Baun, autor de "Grand Hotel", culpado de ter uma ascendencia judaica; Alfredo Kerr, critico dramatico dos mais conhecidos na Alemanha; citemos, enfim, Jacob Wassermann, um dos maiores romancistas da Alemanha, assim como os irmãos Mann.

Os autores estrangeiros figuram tambem em grande numero na "lista parda". No que diz respeito aos escritores franceses, está sendo elaborado um "index" especial, e de um rigor extremo. O escritor inglês Robert Graves está no numero dos autores proibidos, ao lado de, entre outros, Pitigrilli, o romancista italiano cujas teorias fascistas não impediram que fosse classificado como pornografo.

Os nazis não hesitaram ainda em colocar no "index" um Sigmund Freud, fundador da psicanalise; Alfredo Adler, o psicologo famoso; o dr. Van de Velde, autor do "Casamento Perfeito"; o doutor Magnus Hirschfeld, o celebre cientista berlinense, cujo instituto foi ocupado e destruido e cuja effigie foi queimada. Reprovase-lhe ter escrito um livro sobre "Os costumes durante a guerra" e ter empreendido uma campanha contra a perseguição policial á pederastia.

A lista dada á publicidade por Vu é uma das muitas organizadas pelos torquemadas hillerianos, contendo apenas alguns dos nomes dos publicistas cuja obra está alimentando as fogueiras inquisitoriais. Sob o 3.º Reich todos os espiritos livres estão no banco dos acusados. A exemplo da Idade Media, o fascismo não tolera senão uma opinião.

MADAME JENY
ATELIER DE MODAS
R. Barão de Itapetininga 71-A
Tel. 4-4537

FRENTE UNICA ANTIFASCISTA

O Comicio projetado para o dia 14

Surgida pela necessidade premente de opôr, tambem aqui no Brasil, uma força coesa e eficiente ao desenvolver-se do fascismo, vestido entre nós de camisas cor de azeitona a Frente Unica Antifascista vem registrando desde seus primeiros dias de vida, uma successiva coordenação de forças antifascistas, e manifestações publicas que servirão para cementar cada vez mais efficientemente os liames que unem as diversas correntes antifascistas de S. Paulo.

O combate ao fascismo, em todas as suas modalidades é a palavra de ordem mais importante do momento politico mundial e a Frente Unica Antifascista de S. Paulo possui elementos bastantes para continuar da maneira mais eficiente a luta contra o obscurantismo medieval simbolizado no fascismo.

NOVAS ADESÕES

A frente única alarga a sua base. A "União dos Profissio-

PIANOS
NOVOS E DE OCCASIAO
OS MELHORES DA PRAÇA
CASA LEVY
Vendas — Aluguel — Troca
67 Rua Barão de Itapetininga, 67

DR. BRAZ SOUZA ARRUDA
Advogado
Praça da Sé, 3-2.º andar
Tel. 2-4411

Os inimigos do povo e da liberdade que precisam ser combatidos por uma ação intensa e calculada, sem a febre dos entusiasmos inúteis

Um dos oradores que falaram demingo ultimo na reunião da Frente Unica Anti-Fascista, teve oportunidade de declarar que o movimento anti-fascista ainda tem, no Brasil, um aspecto desordenado e caótico. Essa afirmação não deve passar despercebida aos que estão orientando os trabalhos na organização da frente-única, para que o desdobraimento da ação de combate não se bifurque perigosamente por um dos caminhos indicados pelo entusiasmo...

Pelo testemunho unanime das pessoas que falaram na referida reunião, o fascismo estende-se no Brasil, e particularmente em São Paulo, através a ação deletéria das colonias alemã e italiana, influencia que se exerce de forma indireta e quasi invisível, por meio de elementos de pressão que quasi escapam ás malhas das leis... E' um comerciante que procura conhecer a opinião de seus freguezes, um proprietario de officina que quer saber a orientação politica de seus operarios, um farmaceutico que, na Mooca, só vende medicamentos para fascistas. Organiza-se assim, a teia impalpavel que irá formar um ambiente mais ou menos propicio, para que tenham maior liberdade de movimentos os organizadores das milicias oliva.

O "Homem Livre" passará de seu proximo numero em diante a denunciar o nome das pessoas que procederem dessa forma, citando pormenorizadamente os casos que nos chegarem ao conhecimento. E' preciso deixar bem claro que os imperialismos alemão e italiano não têm aqui uma possessão onde podem fazer o que bem entendem. E denunciando os casos que aparecerem, indicaremos ás autoridades, ao povo e á condemna-

ção dos bons elementos estrangeiros que aqui trabalham e prosperam, os maus imigrantes, que se constituem em foco de desordem e de perversas influencias, no meio que os recebeu como a uteis colaboradores da grandeza comum dentro da solidariedade humana.

Depois dessa influencia, um dos oradores denunciou o clero.

De fato, o clero tem sido um eficiente elemento que trabalha no sentido de submissão das massas. Desde o reino do ceu, que promete, até á formação dos exercitos de padres e freiras, o clero realiza uma obra de infiltração que não tem diques capazes de reprimir. E' assim, na Italia, na Alemanha, no Brasil, em toda a parte onde se permite que o padre seja considerado um inofensivo cidadão. Estendendo-se dentro da organização da familia, os seus tentaculos sustentadores da posição que montem, os padres comandados pelo Papa, realizam no intimo dos lares, um trabalho que é insensivelmente assimilado, que vai constituindo normas de vida suficientes para que a humanidade volte ao obscurantismo.

O Index pontificio, que tem nos autos-de-fé da Alemanha "renovada" o seu irmão mais creança, seria bem capaz de incendiar, para o prazer e o interesse secreto do Vaticano, todo o acervo da ciencia e da filosofia moderna, desde que ele prove o contrario do que Roma dogmatiza. A união da ciencia á Igreja é uma contemporização muito safada por parte dos politiqueros internacionais que o Vaticano governa.

E' outro inimigo que precisa ser combatido. Veremos de que forma.

OBSERVADOR

Todos os antifascistas devem tomar parte ativa na luta contra a reação obscurantista que se tenta implantar em nosso país.

COMPARECEI A'S REUNIÕES DA FRENTE UNICA ANTIFASCISTA!

nais do Volante" e periodico "O Brasil Novo", órgão socialista, enviaram suas adesões á F. U. A.

E' necessario si quizermos garantir um futuro de liberdade que todas as organizações entrem para as mesmas fileiras de combate.

AS BASES DO MOVIMENTO

Publicamos no ultimo numero do "O Homem Livre" uma nota relativamente ás bases sobre as quais a F. U. A. desenvolverá sua ação futura.

Tendo porém sido involuntariamente alteradas aquelas bases damos hoje a necessaria retificação.

"1. — Sob a denominação de Frente Unica Antifascista, coligam-se em S. Paulo, sem distincção de credos politicos ou filosoficos, todas as organizações antifascistas, com estes objetivos comuns:

"a) combate ás idéas, ao desenvolvimento e á ação do fascismo.

"b) luta pela mais ampla liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa;

"c) reivindicacão da garantia do ensino leigo e da separação da Igreja do Estado;

"d) formação de um bloco unico de ação contra o fa-

"2. — Todas as organizações coligadas conservação a sua plena autonomia e inteira liberdade de critica. Os atritos que se verificarem entre as organizações, fora da esfera de ação antifascista, nunca poderão servir de motivo para o rompimento da Frente Unica. A estabilidade desta será garantida por um programa comum de ação, em cujo desenvolvimento não se ferirão os pontos de divergência ideológica existentes entre as organizações coligadas".

O COMICIO DA F. U. A. PARA O DIA 14 DE JULHO

A primeira grande manifestação publica da F. U. A. é a que será levada a efeito no proximo dia 14 de Julho — data da queda da Bastilha — com um comicio em local escolhido. Nessa reunião tomarão parte todas as entidades politicas, jornais e sindicatos operarios que aderiram á Frente Unica Antifascista.

As diretrizes da ação da F. U. A. ali serão tornadas públicas e falarão oradores de todas as correntes politicas.

O comicio do dia 14, deverá marcar o inicio da luta pratica contra o fascismo e por uma sempre maior e mais ampla democracia.

O local e a hora serão oportunamente dados ao conhecimento do publico.

Pela luta contra o Fascismo, anti-fascistas de S. Paulo comparei ao comicio da F. U. A.!

DRS. BRUNO BARBOSA
e SILVEIRA MELO
Advogados
Rua São Bento, 58-2.º andar
Tel. 2-3780